

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
FACULDADE DE DIREITO**

**FREDDY BRAUN**

**SISTEMA INQUISITORIAL DO SÉCULO XIII  
ESTUDO DE CASO – O JULGAMENTO DOS TEMPLÁRIOS**

**CURITIBA**

**2010**

**FREDDY BRAUN**

**SISTEMA INQUISITORIAL DO SÉCULO XIII  
ESTUDO DE CASO – O JULGAMENTO DOS TEMPLÁRIOS**

**Monografia apresentada como requisito parcial à  
obtenção do grau de Bacharel em Direito pela  
Universidade Federal do Paraná**

**Orientador: Prof. Luis Fernando Lopes**

**CURITIBA**

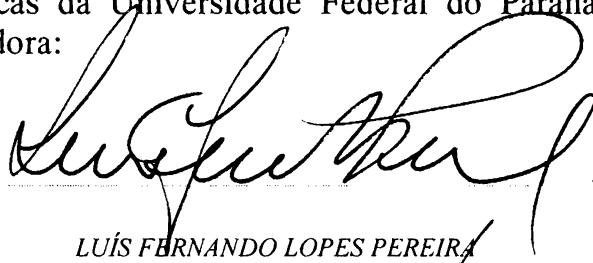
**2010**

## TERMO DE APROVAÇÃO

FREDDY BRAUN

### **Sistema Inquisitorial do Século XIII Estudo de Caso - O Julgamento dos Templários**

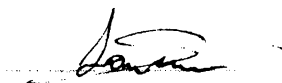
Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção de Graduação no Curso de Direito, da Faculdade de Direito, Setor de Ciências jurídicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:



*LUÍS FERNANDO LOPES PEREIRA*  
Orientador



*RICARDO MARCELO FONSECA*  
Primeiro Membro



*IVAN FURMANN*  
Segundo Membro

"Podemos escolher o que semear,  
mas somos obrigados a colher aquilo o que plantamos."

(Provérbio Chinês)

## RESUMO

O presente trabalho visa estudar o combate as heresias, inicialmente, a partir dos esforços dos imperadores romanos, missão que foi assumida pela Igreja. Veremos o surgimento dos Inquisidores Dominicanos no século XIII, que se tornarão o braço armado da Igreja no combate as heresias, e que iniciaram as suas atividades no combate as heresias cátaras. Verificaremos a estrutura do sistema inquisitorial, estudando como iniciavam os processos, a questão do levantamento das provas, a finalidade da tortura e de como eram aplicadas as penas, principalmente a de morte. Por fim analisaremos um dos casos atípicos do sistema inquisitorial – O julgamento dos Templários. Os Templários foram uma Ordem de religiosos que empunhavam espadas para a proteção da Terra Santa. Foram conhecidos pela sua arte na guerra e pela criação de um sistema bancário internacional. A Ordem foi objeto de interesse do Rei da França, Felipe, o Belo, o qual por meio de estratégias, usou a Inquisição como instrumento para a destruição dos Templários.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2. ORIGEM DA INQUISIÇÃO</b> .....	7
2.1. A Igreja .....	7
2.3. Os Dominicanos .....	12
2.4. A Primeira Ação dos Inquisidores – A Heresia Cátara .....	15
2.5. A Ascensão da Instituição .....	21
<b>3. O PROCESSO INQUISITORAL</b> .....	24
3.1. O Sistema Inquisitorial.....	24
3.2. A Instauração dos Processos.....	25
3.3. Depoimentos, Levantamento das Provas e Torturas .....	28
3.4. Punição – As Penitências e Morte .....	33
<b>4. ESTUDO DE CASO – JULGAMENTO DOS TEMPLÁRIOS</b> .....	36
4.1. Ambiente histórico anterior ao surgimento dos Templários.....	36
4.2. Surgimento dos Templários – Protetores dos Peregrinos.....	39
4.3. Ascensão dos Templários .....	41
4.4. A Queda dos Templários .....	45
4.5. Felipe IV, o Belo .....	49
4.6. A Instauração do Processo contra os Templários .....	50
4.7. As acusações contra os Templários e os Interrogatórios .....	53
4.8. O Fim dos Templários .....	55
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	58
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	62

## 1. INTRODUÇÃO

A Igreja fundada por Cristo sempre se preocupou com o conteúdo de sua mensagem. Entre os principais avisos dados por Cristo foi o alerta de que seus ensinamentos seriam desvirtuados por falsos profetas:

*E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos.  
Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhe deis crédito; Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.  
Eis que eu vo-lo tenho predito.<sup>1</sup>*

O presente trabalho visa estudar como se deu o processo de proteção da doutrina Cristã, inicialmente, pelo imperadores romanos, que outrora haviam sido os maiores perseguidores do Cristianismo, e que quando se converteram a esta religião se tornaram os maiores perseguidores das demais religiões.

Veremos também, como a Igreja chama para si à responsabilidade do combate as heresias, ou seja, as inverdades pregadas por falsos profetas e por falsos doutrinadores, no meio Cristão. Santo Agostinho (354 – 430) definiu o herege como o *que ora dá origem a novas opiniões, ora as segue... Não o que se inicia em falsas doutrinas ou as segue, mas o que obstinadamente as defende é que deve ser considerado herege.*<sup>2</sup>

A Igreja não consegue manter seu papel e diversas heresias, como a dos Cátaros, se espalham pela Europa. Para confrontar as novas heresias, surge, no início

---

<sup>1</sup> Evangelho de São Mateus 24:11, 23-25.

<sup>2</sup> KRAMER, Heinrich; e SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. Pag. 384 e 392.

século XIII, a Ordem dos Dominicanos com o objetivo único de combater toda forma de heresia.

A Ordem dos Dominicanos vai impor medo em toda a Europa do século XIII até o século XIX. Seus métodos visam apenas à verdade material, não importando a forma como seja obtida. A melhor ferramenta utilizada pela Inquisição foi à tortura dos acusados.

O combate as heresias não visava apenas à repressão, mas também a eliminação dos hereges. A condenação à fogueira era a mais comum.

Por fim estudaremos o caso do julgamento dos Templários. Uma Ordem de religiosos guerreiros que foi criada para proteção dos peregrinos que viajavam para Jerusalém, a Terra Santa.

A Ordem dos Templários, inicialmente conhecidos como grandes guerreiros, protetores da Terra Santa, também tinham qualidades na esfera econômica, pois, para financiar todo o seu aparato militar tiveram de inovar no campo econômico se tornando uma das primeiras instituições financeiras de escala global, em pleno século XII.

Os cavaleiros Templários tiveram um começo arrebatador, mas, contra eles insurgiram movimentos políticos, patrocinados pelo Rei da França, Felipe IV, o Belo, o qual utilizou o sistema inquisitorial para alcançar os seus objetivos.

Por fim, veremos que a Ordem dos Cavaleiros foi extinta sem ter sido formalmente condenada. Contudo, seus líderes, como veremos, foram queimados na fogueira da Inquisição por terem voltado atrás em seus testemunhos.

## **2. ORIGEM DA INQUISIÇÃO**

### **2.1. A Igreja**

O imperador romano Nero não via com bons olhos a expansão dos Cristãos pelo seu Império. A principal razão disso foi o fato de os Romanos serem politeístas, ou seja, acreditavam em vários deuses, sendo que a figura do próprio Imperador era tida como a de um deus. Já os Cristãos eram monoteístas, acreditavam apenas em um Deus e rejeitavam todas as demais divindades, incluindo a divindade do imperador romano.

Nero deu início a um período de perseguição e matança dos Cristãos que duraria pelo menos 250 anos. Foi no seu Reinado que os Apóstolos Pedro, primeiro líder da Igreja, e Paulo, o maior divulgador da palavra, foram mortos, o primeiro crucificado de cabeça para baixo e o segundo decapitado.

Pelos 250 anos seguintes, os Cristãos foram violentamente perseguidos e massacrados. Durante os anos de 64 até 311, os Cristãos foram jogados aos leões para entretenimento dos romanos, trucidados por gladiadores, crucificados, fervidos em óleo quente, queimados, esquartejados, seus bens foram tomados, e, mesmo com tantas atrocidades, seu número só aumentava.

No ano de 313, é emitido o Édito de Milão pelos tetrarcas Constantino I (que se converteu ao cristianismo) e Lícínio. Neste Édito, conhecido como Édito da Tolerância, foi declarado que o Império Romano não interferiria no credo religioso dos seus membros, sendo vedada, também, a perseguição religiosa de qualquer tipo. Pela primeira vez, os Cristãos podiam professar a sua fé sem receios. Agora, a Igreja, livre para espalhar o evangelho deixado pelo seu líder, precisava resolver questões internas.

A Igreja, até o Édito de Milão, tinha uma estrutura administrativa precária. No período das perseguições não havia a possibilidade de se manter um tipo de controle dos recursos e dos membros da Igreja, pois o importante na época da perseguição era permanecer oculto do Império, mas sempre transmitindo a palavra. Assim, os líderes da Igreja não tinham conhecimento sobre ou até onde a palavra havia sido disseminada, que regiões ela alcançou e, principalmente, a forma que ela foi transmitida.

A Igreja, podendo criar uma administração de pessoas e recursos, confirmou seu maior temor, idéias estranhas haviam se enraizado no meio Cristão e que não foram repreendidas, ou combatidas, durante o período da perseguição. Entre as novas idéias estava o Arianismo.

O Bispo Ário, no ano 320, questionou a divindade de Cristo. Até aquele momento a Santíssima Trindade formada pelo Pai (Deus), filho (Jesus Cristo) e Espírito Santo, teriam a mesma natureza, ou seja, divina. Cristo se fez homem, de carne e osso, mas mantinha em si a natureza divina, a qual foi revelada após a sua morte quando ressuscitou. Desta forma, os três membros da trindade eram iguais entre si. Ário, diferentemente, acreditava e pregava que Cristo não era divino, apenas humano, e, dessa forma, inferior na trindade.

O Imperador Constantino, que havia se convertido ao cristianismo, tomou para si a função de auxiliar a Igreja na sua estruturação e no combate as heresias, chegando até mesmo a se nomear bispo de Roma. Para consolidar a doutrina da Igreja, o imperador, no ano de 325, convocou todos os bispos da Igreja, para o que foi conhecido como Primeiro Concílio de Nicéia.

O Concílio de Nicéia visou harmonizar as diversas doutrinas existentes, excluindo-se, do meio Cristão, aquelas que seriam consideradas errôneas. Entre as doutrinas que foram excluídas estava a do Bispo Ário. Nesse mesmo Concílio, a Bíblia

recebeu o formato conhecido hoje, excluindo-se vários livros, cujo conteúdo foi considerado herético.

Assim, com o auxílio do tetrarca de Roma, a Igreja iniciou um processo de racionalização dos seus dogmas, rejeitando e combatendo tudo aquilo que fosse diferente.

No ano de 380, o imperador Teodósio emitiu o Édito de Constantinopla, transformando o Cristianismo na religião oficial do Império Romano. A partir desse momento, praticar qualquer ato religioso, diferente da religião cristã era considerado crime.

Dessa forma, o Império Romano começou o combate as heresias.

## **2.2. O Combate as heresias**

Desde o início do cristianismo verificou-se uma preocupação dos Cristãos, e do próprio Cristo, quanto à vinda de falsos profetas, falsos messias, que iriam desviar seus seguidores da verdade, modificar seus fundamentos, ou seja, inserir conceitos heréticos na comunidade cristã.

A Igreja, desde o início, combateu essa invasão de idéias. Inicialmente, o combate se dava por meio da aplicação de regras trazidas pelo próprio Cristo, conforme expressadas no Evangelho de São Mateus. Àqueles que infringiam Reiteradamente a doutrina Cristã deveria ser aplicada a pena de excomunhão, ou seja, o desligamento do membro da Igreja. O procedimento da excomunhão foi determinado pelo próprio Cristo:

*Ora, se teu irmão pecar, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, terás ganho teu irmão; mas se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada. Se recusar ouvi-los, dize-o à Igreja; e, se*

*também recusar ouvir a Igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo: Tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu; e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu.*<sup>3</sup>

O procedimento da excomunhão determinado por Cristo acabou se revelando insuficiente para os homens. Era necessário ser mais enérgico.

A energia para combater as heresias foi dada pelos imperadores romanos. Entre os Reinos de Flavio Valentiniano (321-375) e Teodósio I (346-395) foram emitidas em torno de 68 leis contra aqueles que praticavam heresias<sup>4</sup>. A Igreja apoiou a idéia do combate às heresias. Chrysostomo, arcebispo de Constantinopla (349 - 407) ensinou que a heresia deveria ser suprimida, os hereges deveriam ser silenciados e impedidos de ensinar a outros, e seus livros destruídos.<sup>5</sup>

Outras penalidades foram incorporadas ao combate das heresias. Tais como: o exílio, confiscação dos bens, impossibilidade de transmissão da propriedade. Nenhuma delas prevista por Cristo durante o seu ministério. A pena de morte também foi estabelecida, mas somente era aplicada nos casos mais graves em que havia comoção social ou distúrbio da paz<sup>6</sup>. O primeiro registro que se tem conhecimento da aplicação da pena de morte por crime de heresia ocorreu no ano de 385, contra o movimento maniqueísta liderado por Prisciliano (? – 385).

Os maniqueístas acreditavam que o mundo se dividia entre o bem e o mal. O bem representado por Deus e o mal pelo Diabo. Prisciliano afirmou que toda a matéria que se vê foi criada pelo Diabo, e tudo que é espiritual pertenceria a Deus. Para os maniqueístas era necessário fugir do material e alcançar o espiritual. Pelo raciocínio

---

<sup>3</sup> Evangelho de São Mateus 15:15-18.

<sup>4</sup> Mais precisamente contra aqueles que ainda cultuavam os antigos deuses romanos.

<sup>5</sup> LEA, Henry Charles. *A History of The Inquisition of The Middle Ages* – Vol. I. Pag. 214.

<sup>6</sup> VACANDARD, E. *The Inquisition – A critical and historical study of the coercive power of The Church*. Pag. 11.

maniqueísta quem criou a terra em seis dias e descansou no sétimo<sup>7</sup>, não foi Deus, mas sim, o Diabo.

Prisciliano foi condenado à morte pelo imperador romano (não pela Igreja), no ano de 385, junto com seis dos seus discípulos. Antes da execução, todos foram torturados. O objetivo da tortura, nesse caso, era que os torturados entregassem os demais membros da seita maniqueísta. Os que denunciaram seus colegas obtiveram uma pena mais branda. Foram banidos para as Ilhas Britânicas, o ponto mais afastado, na época, do Império.<sup>8</sup>

A morte de Prisciliano e de seus seguidores somente foi aprovada pela Igreja com o Papa Leão I, no ano de 447 (sessenta anos após a execução). O Papa teria anunciado que os seguidores de uma heresia tão terrível se permanecessem vivos, causariam o fim de toda lei humana e também da lei divina<sup>9</sup>.

A partir desse momento, a Igreja apoiou, toda forma de combate as heresias, independente de que maneira fosse.

A Igreja procurou influenciar os monarcas a criarem leis contra as heresias. Os monarcas sempre deveriam buscar e condenar os hereges, pois era afirmado que Deus havia dado o poder aos monarcas para que fosse usado e não negligenciado<sup>10</sup>.

Não deveria haver piedade aos hereges.

Gregório o Grande (540 – 604) teria afirmado que o maior tesouro que alguém poderia receber seria o de, estando no céu, poder olhar através do abismo e apreciar a agonia dos hereges no fogo eterno<sup>11</sup>.

---

<sup>7</sup> Livro de Gênesis, capítulos 1 e 2.

<sup>8</sup> LEA, Henry Charles. *A History of The Inquisition of The Middle Ages – Vol. I.* Pag. 212.

<sup>9</sup> LEA, Henry Charles. *A History of The Inquisition of The Middle Ages – Vol. I.* Pag. 214.

<sup>10</sup> LEA, Henry Charles. *A History of The Inquisition of The Middle Ages – Vol. I.* Pag. 214.

<sup>11</sup> LEA, Henry Charles. *A History of The Inquisition of The Middle Ages – Vol. I.* Pag. 240 e 241.

Pelos séculos subsequentes, o combate as heresias continuou, mas sempre, em pequena escala. Pelo menos até o século XIII, quando surgiram os Dominicanos.

### 2.3. Os Dominicanos

A Igreja, dominante na Europa já por 800 anos, começava a perder seu poder na Terra. Movimentos religiosos, contrários a ideologia predominante, apareciam e arregimentavam seguidores. Pregadores itinerantes circulavam pelos principais pontos da Europa, pregando novas verdades com conhecimento teológico, que não condiziam com o dogma católico, ou seja, heresias.

Esses Pregadores, além de pregarem de forma eloquente, pareciam transparecer em si aquilo que pregavam, demonstrando pobreza, humildade, integridade e probidade. Ao contrário do que os membros oficiais da Igreja faziam.

A Igreja não conseguia concorrer com os novos pregadores. Diz-se que o Papa Inocêncio III (1160 - 1215) teria afirmado que os bispos de sua Igreja eram *piores que animais refocilando-se em seu próprio excremento*<sup>12</sup>. Outra crítica da época, que retratou a decadência da Igreja, foi anunciada pelo poeta Walther Von der Vogelwilde (1170-1230), que afirmou: *Por quanto tempo em sono jazereis ó Senhor?... Vosso tesoureiro furta a riqueza que haveis armazenado. Vosso ministro rouba aqui e assassina ali. E de vossos cordeiros como pastor cuida um lobo.*<sup>13</sup>

Os altos escalões da Igreja (bispos, arcebispos e cardeais) não demonstravam as mesmas virtudes que os peregrinos hereges, e os membros do baixo

---

<sup>12</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 26.

<sup>13</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 26.

escalão (padres de vilarejos, monges reclusos), na sua maioria não tinham conhecimento teológico suficiente para debater com os pregadores itinerantes.

A Igreja precisava inverter a situação.

No ano de 1206, Dominic de Guzmán, subprior dos monges da Catedral de Osma, norte da Espanha, ao visitar a região do sul da França teria observado a atuação desses pregadores peregrinos<sup>14</sup> que pregavam os dogmas da heresia Cátara. Indignado, Dominic, afirmou que a Igreja precisava combater essa heresia e, assim, por conta própria, sem auxílio do alto escalão da Igreja, criou e enviou os seus próprios pregadores peregrinos que tinham a mesma missão e o mesmo modo de operação que os pregadores cátaros heréticos.

Os pregadores peregrinos de Dominic deveriam viajar descalços, viver de modo simples e, o mais importante, deveriam ser capazes de vencer debates teológicos contra qualquer pregador herege. Tanto que uma de suas características mais marcantes era o fato de carregarem livros em suas viagens missionárias<sup>15</sup>.

A fama de Dominic cresceu. Líderes europeus financiaram as suas atividades aumentando assim o número dos frades peregrinos. Em 1215, Dominic participou do IV Concílio de Latrão, onde pôde expor seus ideais. O Papa Inocêncio III endossou o estabelecimento oficial de uma Ordem de Pregadores que combatesse a heresia.

O Papa Inocêncio III morre no ano de 1215. A formalização da criação da Ordem de Pregadores ocorreria no ano seguinte, pelo seu sucessor, Honório III.

---

<sup>14</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 33.

<sup>15</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 34.

A ordem chamou-se Milícia de Cristo, e após a morte de Dominic de Guzmán, em 1221, e sua canonização, em 1234, a ordem veio a ser conhecida como Ordem dos Dominicanos, os primeiros Inquisidores.<sup>16</sup>

Conta-se que em 1234. Os dominicanos faziam uma celebração em homenagem ao fundador. Veio a notícia de que havia uma mulher nos arredores do local da festa, morrendo, e que acabara de receber o *consolamentum*<sup>17</sup>. Abandonando a festa, os dominicanos, se dirigiram à casa da doente:

*O bispo... sentando-se ao lado da inválida, começou a falar-lhe demoradamente sobre o desprezo pelo mundo e pelas coisas terrestres... O Senhor Bispo, com muito cuidado, extraiu-lhe o que ela acreditava em muitos pontos, e era o tudo o que os hereges acreditam... Então disse o bispo: 'portanto és herege! Pois o que confessaste é a fé dos hereges, e deve saber com certeza que as heresias são manifestas e condenadas. Renuncia a todas elas! Aceita o que acredita a Igreja Católica'. [O bispo] fez essas e muitas outras observações na presença de todos, mas nada conseguiu no que se referia a ela; ao contrario, ela perseverou mais ainda na herética teimosia. Sem demora, o bispo, que logo chamou o vigário e muitas outras pessoas, em virtude de Jesus Cristo condenou-a como herege. Além disso, o vigário mandou carregá-la na cama em que jazia ao prado do conde e queimou-a imediatamente.<sup>18</sup>*

Assim, o ponto mais alto da festa em celebração à canonização de Dominic de Guzman foi um sacrifício humano.<sup>19</sup>

A Igreja deu aos Dominicanos poder total para repreender todo tipo de heresia. O Papa Gregório IX escreveu para todos os bispos:

*Nós, vendo-vos absorvidos no redemoinho de cuidados e mal podendo respirar na pressão de esmagadoras ansiedades, julgamos por bem dividir vossos fardos, para que mais facilmente possam ser suportados. Determinamos, portanto enviar frades pregadores contra os hereges da França e das províncias adjacentes, e vos pedimos, advertimos e exortamos,*

---

<sup>16</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 36.

<sup>17</sup> Trata-se do equivalente cátaro dos últimos sacramentos, ou da extrema unção da Igreja Romana.

<sup>18</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 42.

<sup>19</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 43.

*vos ordenamos... Que tenhais bondade de recebê-los, e tratá-los bem, dando-lhes nisso...  
"Ajuda, para que possam cumprir seu ofício".<sup>20</sup>*

Dias depois o Papa dirigiu uma segunda Bula diretamente aos dominicanos: *Portanto vós [dominicanos] estais autorizados... A privar clérigos de seus benefícios para sempre, e agir contra eles e todos os outros, sem apelação, chamando a ajuda do braço secular, se necessário<sup>21</sup>.*

Com estas duas bulas o Papa deu total poder aos Dominicanos de agir em nome da Igreja, com apoio do poder secular, ou seja, dos monarcas, para combater as heresias.

Os dominicanos podiam prender suspeitos de heresia sem qualquer possibilidade de apelação, e assim, pronunciar sentenças de morte de forma sumária. O Papa, ao emitir as bulas, afirmara estar aliviando o fardo dos bispos. Contudo, na prática o Papa estava retirando das mãos dos bispos a responsabilidade e o poder de combater as heresias.

Por fim, em 1257, o Papa Alexandre IV (1190 – 1261), tornou a Inquisição um braço independente da Igreja.

#### **2.4. A Primeira Ação dos Inquisidores – A Heresia Cátara**

O primeiro grande caso dos Dominicanos, e, que de certa forma, foi à razão de sua criação, foi o combate a heresia dos Cátaros.

Os cátaros eram cristãos dualistas cujos ensinamentos reformistas antipapistas incomodavam a hierarquia da Igreja. O nome cátaro (muitas vezes

---

<sup>20</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 38.

<sup>21</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 38.

atribuído a raízes gregas ou latinas com o significado de “limpo” ou “puro”) provavelmente derivaria da palavra inglesa “cat” (gato). Os inimigos dos cátaros acreditavam que as cerimônias deles incluíam o ato de beijar o ânus de um gato preto, uma das formas animais que Lúcifer poderia assumir.<sup>22</sup>

Em 1233, o Papa Gregório IX publicou a Bula *Vox in Rama*. Nessa bula, o Papa afirmou que o culto cátaro era dedicado ao Diabo, descrevendo suas crenças e práticas. O Papa Gregório IX teria afirmado, ainda, que os cátaros acreditavam que Deus havia errado ao expulsar o Diabo do Céu e que este retornaria em triunfo para recompensar os que lhe eram fieis. Ele descreveu a seqüência de uma cerimônia de iniciação à seita:

*Primeiro, um sapo monstruoso aparecia para o noviço cátaro. Depois aparecia um homem lívido e gélido. Quando o noviço beijava esse homem, todos os traços da fé cristã desapareciam de seu coração. Depois em um banquete para celebrar a recepção do novo membro, aparecia um gato preto. Todos os que participavam das festividades de iniciação davam-lhe o beijo anal. Finalmente as luzes eram apagadas, sinalizando o início de uma orgia.*<sup>23</sup>

A intensidade das acusações de Gregório segue a ideologia criada, na época, por São Tomas de Aquino (1225 - 1274) que afirmava que os hereges não deveriam ser tolerados. A amabilidade da Igreja permite que eles tenham apenas dois avisos, depois disso, se eles insistissem no pecado da heresia, deveriam ser entregues ao poder secular, para serem removidos do mundo com a morte. Isso, argumenta São Tomas, mostraria a caridade da Igreja, pois seria muito pior a corrupção da fé, da qual depende a salvação da alma, do que a destruição do corpo, que apenas possuiria existência temporal.

---

<sup>22</sup> WASSERMAN, James. *História ilustrada dos Cavaleiros Templários*. Pag. 121.

<sup>23</sup> WASSERMAN, James. *História ilustrada dos Cavaleiros Templários*. Pag. 121.

A Igreja, na concepção de São Tomas, iria sempre receber o herético arrependido dos seus erros, não importando o quanto ele tenha errado. Ao pecador seria dada penitência, para que o mal fosse expurgado e, assim, garantida a salvação da sua alma. Contudo, em aparente contradição, no caso de Reincidência de pregação de heresias, poderia o pecador até ser perdoado, mas haveria aplicação da pena de morte, pois não seria o pecador a ser eliminado, mas sim o pecado.<sup>24</sup>

Os cátaros acreditavam que Deus era mais forte que o Diabo. Deus teria deixado o Diabo criar o mundo e que, no fim, aniquilaria todas as obras do mal. Os cátaros ensinavam que o Diabo, ou Lúcifer, era o Deus do Antigo Testamento, o qual foi chamado de Demiurgo.

Foi o Demiurgo, ou o Diabo que criou o homem a partir da argila. Em razão disso os Cátaros não aceitavam o Antigo Testamento, onde é narrada a criação do homem por Deus.

A crença Cátara pregava que toda alma humana, na verdade, era um anjo decaído preso num corpo material, enquanto o verdadeiro corpo permanecia no Céu.

Os cátaros acreditavam também que toda matéria era má, já que foi o diabo que a criou. A primeira mulher foi tentada a cometer o ato sexual, e assim a alma se perdeu. Eles rejeitavam toda crença no inferno ou no purgatório; a prisão no corpo físico já era uma forma de punição. Eles viam Jesus como uma emanção, ou um anjo, enviado pelo Deus Verdadeiro.

O Deus Verdadeiro, vendo que a humanidade estava sofrendo nas mãos do Diabo, seu criador, teria enviado Jesus para ensinar à humanidade decaída os meios para escapar da sua prisão carnal. Jesus era uma parte de Deus. Seu corpo seria uma

---

<sup>24</sup> LEA, Henry Charles. *A History of The Inquisition of The Middle Ages – Vol. I.* Pag. 229 e 230.

forma de *ilusão projetada*<sup>25</sup>, ou espírito puro que nunca teve contato com a matéria impura de um corpo físico. Mas Cristo não seria filho de Deus.

Cristo não teria sofrido nem morrido na cruz. A cruz seria um símbolo da materialidade criada pelo Diabo e que deveria ser desprezada, não venerada nas Igrejas. O conceito da ressurreição de Cristo era rejeitado. E, por fim, os cátaros acreditavam que a Igreja foi construída sobre o culto a um falso Deus (Demiurgo), que na verdade era o Diabo.

Nota-se que, na ideologia Cátara, existem elementos das heresias que a Igreja já havia combatido no seu passado como o Arianismo (o fato de Cristo não ser considerado igual a Deus, mas sim, inferior a Ele) e do Maniqueísmo (o fato do Diabo ter criado a terra e que toda a criação é má), que de alguma forma se mesclaram criando uma nova heresia.

Os cátaros impressionavam as pessoas pelo seu modo de agir. Seus líderes eram conhecidos como os Perfeitos, e seguiam aquilo que pregavam, reduziam o contato pessoal com o mundo material. Praticavam a caridade, faziam jejuns, adotavam uma dieta vegetariana rígida e não possuíam nenhum tipo de ostentação ou mesmo bens materiais. Levavam uma vida totalmente ascética, ou seja, separada do mundo, a única coisa que importava era o mundo espiritual. Aos iniciados no catarismo era dada a missão de pregar a mensagem cátara.

O Papa Gregório IX, com o intuito de extinguir o catarismo, declarou uma Guerra Santa contra os cátaros, considerando-os piores que os muçulmanos<sup>26</sup>. Em razão disso foi lançada a primeira Cruzada interna da Europa.

Arnaud Amaury foi nomeado Legado Papal na cruzada contra os Cátaros e Dominic de Guzmán foi chamado para assessorar Arnaud. É neste momento que o

---

<sup>25</sup> WASSERMAN, James. *História ilustrada dos Cavaleiros Templários*. Pag. 121.

<sup>26</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 28.

nome de Dominic começa a se propagar entre os líderes políticos e a chamar a atenção do Papa.

Os cruzados reunidos para combater os cátaros se agruparam nas proximidades da cidade de Beziers, seu último reduto. Os cruzados cercaram a cidade, a qual não contava com muralhas. Os líderes cruzados questionaram Arnaud Amaury se haveriam cristãos verdadeiros na cidade, que não seguiriam a heresia cátara, e que, na verdade, precisariam ser protegidos, dificultando toda a ação dos cruzados. Amaury, nesse caso, teria ordenado aos cruzados que *matassem todos, pois Deus reconheceria os seus*<sup>27</sup>.

A declaração de Amaury é ponto de controvérsia entre os historiadores. A citação feita pelo legado Papal podia estar vinculada a dois versículos bíblicos. O primeiro, referente à carta Paulo ao seu discípulo Timóteo, que afirma que *O Senhor conhece os que lhe pertencem*<sup>28</sup>, e também a uma afirmação de Moisés: *Amanhã cedo Jeová fará conhecer quem é dele e qual é o homem consagrado que permitirá aproximar-se dele. Aquele que ele fizer aproximar-se dele, esse é aquele que ele escolheu*<sup>29</sup>.

Naquele dia, conta-se que 15.000 pessoas foram massacradas pelos cruzados. Todos os habitantes de Beziers foram assassinados, não importando se fossem homens, mulheres, crianças, velhos, cristãos ou cátaros. Amaury teria escrito ao Papa que *não se poupara idade, sexo ou status*<sup>30</sup>.

A destruição de Beziers, autorizada pelo Bispo Arnaud Amaury, sob a assessoria de Dominic de Guzmán, demonstra que os responsáveis pela Inquisição não tinham conhecimento da sua própria história. No livro de Gênesis, Deus conta ao

---

<sup>27</sup> WASSERMAN, James. *História ilustrada dos Cavaleiros Templários*. Pag. 134.

<sup>28</sup> Segunda Epístola de Paulo para Timóteo 2:19.

<sup>29</sup> Números 16:5.

<sup>30</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 29.

patriarca Abraão, dos seus planos para a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra. Deus e Abraão então têm o seguinte dialogo:

*E chegando-se Abraão, disse: Destruirás também o justo com o ímpio? Se porventura houver cinqüenta justos na cidade, destruirás e não pouparás o lugar por causa dos cinqüenta justos que ali estão? Longe de ti que faças tal coisa, que mates o justo com o ímpio, de modo que o justo seja como o ímpio; esteja isto longe de ti. Não fará justiça o juiz de toda a terra?*

*Então disse o Senhor: Se Eu achar em Sodoma cinqüenta justos dentro da cidade, pouparei o lugar todo por causa deles.*

*Tomou-lhe Abraão, dizendo: Eis que agora me atrevi a falar ao Senhor, ainda que sou pó e cinza. Se porventura de cinqüenta justos faltarem cinco, destruirás toda a cidade por causa dos cinco?*

*Respondeu Ele: Não a destruirei, se eu achar ali quarenta e cinco.*

*Continuou Abraão ainda a falar-lhe, e disse: Se porventura se acharem ali quarenta?*

*Mais uma vez [Deus] assentiu: Por causa dos quarenta não O farei.*

*Disse Abraão: Ora, não se ire o Senhor, se eu ainda falar. Se porventura se acharem ali trinta?*

*De novo [Deus] assentiu: Não o farei, se achar ali trinta.*

*Tomou Abraão: Eis que outra vez me a atrevi a falar ao Senhor. Se porventura se acharem ali vinte?*

*Respondeu-lhe [Deus]: Por causa dos vinte não a destruirei.*

*Disse ainda Abraão: Ora, não se ire o Senhor, pois só mais esta vez falarei. Se porventura se acharem ali dez?*

*Ainda assentiu o Senhor: Por causa dos dez não a destruirei.<sup>31</sup>*

É interessante notarmos um paralelo histórico entre a destruição de Beziers com a destruição de Sodoma descrita no Antigo Testamento. Deus afirmou que não destruiria Sodoma se nela achasse ao menos 10 pessoas justas<sup>32</sup>, enquanto que Arnaud Amaury e Dominic de Guzmán, sabendo que poderia haver cristãos legítimos em Beziers, não adeptos ao catarismo, mataram todos na cidade.

---

<sup>31</sup> Gênesis 18:23-32.

<sup>32</sup> Deus, de fato, não encontra 10 pessoas justas em Sodoma e Gomorra, mas apenas seis. Trata-se de Ló, sobrinho de Abraão, juntamente com sua esposa (que viria a se tornar uma estátua de sal) e suas duas filhas. A família de Ló é avisada por meio de anjos para abandonar a Cidade de Sodoma, pois Deus a destruiria – Gênesis 19:1-20.

A repercussão da matança ocorrida em Beziers fez com que outras cidades do sul da França, com medo dos cruzados, entregassem seus cidadãos, adeptos ao catarismo.

Junto com os cátaros também foram entregues os Judeus residentes em cada cidade. Os Judeus não faziam parte do objetivo da cruzada, que visava apenas eliminar a heresia cátara, contudo, tiveram o mesmo destino dos Cátaros: A morte.

## 2.5. A Ascensão da Instituição

Após a destruição dos Cátaros, o poder dos Dominicanos só cresceu.

No final do século XIII, início do XIV, o novo alvo da Instituição foram os membros da Ordem Militar dos Cavaleiros do Templo de Salomão, mais conhecidos como Templários, cujo processo inquisitorial se motivou, primeiramente, por razões políticas e não pelo combate as heresias cometidas pelos cavaleiros. O caso do Julgamento dos Templários será melhor estudado no capítulo 04.

A heresia dos cátaros, juntamente com a dos Templários levou o sistema inquisitorial a ampliar seus horizontes. Todos os *alicerces pagãos da civilização européia foram postos sob a jurisdição da Inquisição*<sup>33</sup>, ou seja, todos os costumes europeus que não tivessem uma fundamentação cristã seriam objeto de investigação pelos inquisidores.

Essa investigação se estendeu até as catástrofes naturais. Fome, seca, inundação, peste e outros fenômenos semelhantes da natureza não deveriam ser atribuídos somente a causas naturais, mas sim à ação de poderes demoníacos. A

---

<sup>33</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 120.

loucura, as explosões de raiva e histeria seriam atribuídas à possessão demoníaca. Os sonhos eróticos deveriam ser atribuídos à visitas de incubos ou súcubos.

As parteiras, as sábias das aldeias, que conhecessem ervas e remédios naturais foram, automaticamente, tachadas de bruxas.

No final do século XIII até o século XVI, a Inquisição focou a sua atenção principalmente para as bruxas, as quais se tornaram os maiores alvos da Inquisição nos séculos seguintes:

*A Bruxaria tornou-se uma heresia cristã, o maior de todos os pecados, porque envolvia a renúncia a Deus e deliberada adesão ao seu maior inimigo...*

*A bruxa abandonou o cristianismo, renunciou ao seu batismo, adorou Satanás<sup>34</sup>.*

A perseguição as Bruxas se tornou tão astronômica que manuais para a sua identificação e perseguição foram escritos para esclarecer a toda a Igreja como deveriam ser os procedimentos de combate. Entre os mais notórios manuais está o dos alemães HEINRICH KRAMER e JAMES SPRENGER, com sua obra o Martelo das Feiticeiras.

*O Livro O Martelo das Feiticeiras estava no banco de todo juiz, na mesa de todo magistrado. Era a autoridade última, irrefutável, indiscutível. Era implicitamente aceito não só pela legislatura católica, mas também pela protestante.<sup>35</sup>*

No século XV em diante, além da perseguição às bruxas, a Inquisição também iniciou a perseguição aos protestantes, que, apesar de terem se separado da Igreja Católica permaneceram com algumas de suas tradições, entre elas a perseguição às bruxas.

---

<sup>34</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 120.

<sup>35</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 125.

A Inquisição, que tomou forma no século XIII, nos séculos seguintes conseguiu inserir o medo e a paranóia até prenderem toda a Europa. E, nesse ambiente de terror, talvez centenas de milhares de pessoas tornaram-se vítimas de assassinato oficial eclesiástico.<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 120.

### **3. O PROCESSO INQUISITORIAL**

#### **3.1. O Sistema Inquisitorial**

O sistema processual aplicado pelos Inquisidores tem sua origem em Roma, mas é retomado pela Igreja no início do século XIII, o qual se caracteriza pela concentração de poderes de processar, julgar e executar nas mãos de um único órgão, no caso a Inquisição.

No sistema Inquisitorial, o que se almejava era a busca da verdade material. Ficava, assim, nas mãos do Inquisidor apurar o cometimento de heresias, fazer o levantamento das provas, processar, julgar e executar a pena.

Se o fim almejado era verdade material, o meio para se obtê-lo não interessava ao inquisidor. Cabia à Inquisição investigar todo tipo de denúncia, ou seja, descobrir se foi cometida ou não uma heresia, no local que fosse, não importando a forma de se apurar à verdade.

O uso de tortura se tornou a ferramenta mais importante dos inquisidores para descobrir a verdade.

Descoberta a prática da heresia era necessário combatê-la, através do pagamento de penitências ou da sua eliminação, com a morte dos hereges.

A grande maioria das mortes foram nas fogueiras.

Passaremos agora ao estudo das etapas do processo inquisitorial, desde a instauração do processo, os depoimentos, o levantamento das provas, aplicação da tortura e, por fim, as punições.

### 3.2. A Instauração dos Processos

O Livro “Martelo das Feiticeiras”, dos inquisidores HEINRICH KRAMER e JOHANN SPRENGER<sup>37</sup>, descreve como deveriam ser instaurados os processos de julgamento das heresias:

*No primeiro tem-se a acusação de uma pessoa por outra perante o juiz, seja do crime de heresia, seja do de dar proteção a algum outro herege, sendo que o acusador se oferece para prová-lo e se submete à lei de talião caso não o consiga.*

*No segundo tem-se a denúncia de uma pessoa por outra que não se propõe, contudo, a prová-lo e se recusa a envolver-se diretamente na acusação; mas alega que presta informação para o zelo da fé, ou em virtude de uma sentença de excomunhão prescrita pelo Ordinário ou pelo Vigário; ou em virtude do castigo temporal requerido pelo juiz secular para aqueles que deixam de prestar tal informação.*

*No terceiro tem-se a inquisição propriamente, ou seja, não se tem a presença de um acusador ou de um informante – apenas uma denúncia geral de que há bruxas<sup>38</sup> em determinado lugar ou em determinada cidade. O Juiz, portanto, deverá proceder não por solicitação de qualquer das partes, mas apenas pela obrigação que lhe é imposta pelo seu ofício.<sup>39</sup>*

A terceira modalidade de processo descrita no referido livro foi a que alcançou o objetivo da Inquisição de combater as heresias.

Os inquisidores sabiam que não eram oniscientes. Não sabiam onde estavam os hereges. Para encontrá-los, literalmente, começaram a procurá-los. Dessa forma, implementou-se um sistema de visitas nas cidades. Em países como França, Espanha, Portugal e na Itália, onde a Inquisição já estava fortemente instalada, o

---

<sup>37</sup> Heinrich Kramer era um dominicano que, por volta de 1474, fora nomeado inquisidor para Salzburg e Tirol. Em Salzburg, atuou como diretor espiritual da Igreja dominicana. Em 1500, seria nomeado Núncio Papal e inquisidor para a Boêmia e Moravia. Johann Sprenger, também era dominicano, e prior do convento da Ordem em Colônia. Em 1480, tornou-se Deão dos professores de teologia da Universidade de Colônia. Um ano depois foi nomeado inquisidor para as províncias de Colônia, Mainz e Trêves.

<sup>38</sup> Na época em que o livro Martelo das Feiticeiras foi publicado o alvo principal dos inquisidores eram as bruxas, mas a regra de acusação servia para todos os crimes de heresia.

<sup>39</sup> KRAMER, Heinrich; e SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. Pag. 396.

procedimento de visitação era comum, já nos demais países eram raros se não inexistentes.

No século XIII, do sistema inquisitorial, era comum que as visitas fossem feitas de surpresa, o que criava um estado de pânico na população. A partir do século XIV, a visita passou a ser anunciada com antecedência<sup>40</sup>. Mesmo perdendo o elemento da surpresa, as visitas não perderam sua eficiência.

A chegada do inquisidor era feita de forma solene, em uma procissão. O Inquisidor era acompanhado por sua equipe de escrivães, secretários, consultores, auxiliares, médicos e criados, além de uma escolta armada providenciada pelo monarca.

Chegando a procissão na cidade ou vila, era convocada toda a população local. O Inquisidor, por meio de sermões, explicava a sua missão e o objetivo de sua visita. Finalizando o sermão, convidava a todos aqueles que quisessem a se confessarem dos pecados de heresia cometidos.

Terminado as atividades do dia, o Inquisidor, afixava na à porta da Igreja local um Édito de Graça.

O referido Édito proclamava um período que durava entre quinze a trinta dias, onde aqueles que se sentissem culpados por terem cometido o pecado da heresia poderiam para denunciar-se.

Caso as pessoas viessem durante esse período de graça, eram, na sua maioria, aceitos de volta na Igreja sem aplicações de penas severas. Dependendo do grau do pecado era aplicado: penas de multa, tomada de bens, peregrinação para os

---

<sup>40</sup> As visitas passaram a ser anunciadas com antecedências não para preparar o espírito das pessoas para a chegada dos inquisidores, mas para que o ambiente fosse devidamente preparado para o conforto desses, palanques especiais, alojamentos confortáveis deveriam ser preparados para acomodar os inquisidores. BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália – séculos XV-XIX*. Pag. 110.

lugares santos, adesão as cruzadas, a obrigação de entrada em um monastério, entre outros.

Contudo, por mais importante que fosse a redenção dos pecadores e, portanto, a salvação de sua alma imortal, o maior interesse dos Inquisidores era a quantidade de hereges capturados. Os inquisidores estavam dispostos a ser brandos *com um transgressor, ainda que culpado, desde que pudesse colher uma dúzia ou mais de outros, ainda que inocentes*<sup>41</sup>.

Como resultado do raciocínio inquisitorial de apuração de denúncias, a população era mantida em um estado de constante pavor, que conduzia à *manipulação e ao controle*<sup>42</sup>.

Os laços de parentesco não serviram como desculpa para encobrir uma heresia. *O filho deveria denunciar o pai, o marido era culpado se ele não entregasse a sua mulher a uma morte terrível... As crianças eram ensinadas a abandonar seus pais*<sup>43</sup>. Todos os laços humanos foram afetados pela culpa de heresia.

Tudo podia ser objeto de denúncia, *todas as pequenas querelas, todas as tagarelices de aldeia podem servir de base para denúncias*<sup>44</sup>.

A informação obtida pelos denunciantes era anotada. A Inquisição por meio dessas informações estabeleceram um imenso banco de dados, aos quais interrogatórios feitos posteriormente acrescentavam mais informações.

Todo o material era arquivado era catalogado. *Os suspeitos podiam ser confrontados com transgressões ou crimes cometidos, ou supostamente cometidos, trinta ou quarenta anos antes.*<sup>45</sup>.

---

<sup>41</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 48.

<sup>42</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 48.

<sup>43</sup> LEA, Henry Charles. *A History of The Inquisition of The Middle Ages – Vol. I*. Pag. 228.

<sup>44</sup> NASPOLINI, Samyra Haydêe. *Aspectos Históricos, Políticos e Legais da Inquisição*. In. WOLKMER, Antonio Carlos. *Fundamentos de História do Direito*. Pag. 240.

<sup>45</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 50.

Terminado o período de Graça iniciava-se o período de interrogatórios dos denunciados.

### 3.3. Depoimentos, Levantamento das Provas e Torturas

Passado o prazo do Édito de Graça. Os inquisidores já possuíam os nomes dos suspeitos que seriam investigados. Todos delatados durante a vigência do édito.

Os indivíduos acusados eram trazidos à presença do Inquisidor que, no momento, assumia o papel de promotor da justiça e lia para o réu as acusações feitas contra eles.

Na maioria dos casos, ao réu era negado o conhecimento de quem era seu acusador. O fato da pessoa não conhecer o seu acusador não lhe dava total garantia de defesa.

Não existia, entre os inquisidores, um consenso a respeito do conhecimento do réu do seu acusador. Grande parte dos historiadores entende que a informação era proibida<sup>46</sup>. Contudo, os próprios KRAMER e SPRENGER, em sua obra “O Martelo das Feiticeiras”, trazem, que a questão do sigilo do nome do acusador não era uma questão uniformizada:

*Saiba o Juiz que não é obrigado seja a tornar conhecido os nomes dos depoentes, seja trazê-los perante a acusada, a menos que os mesmos, por livre e espontânea vontade, se ofereçam para prestar depoimento em presença da acusada. E é por causa do perigo incorrido pelos depoentes que o Juiz não está obrigado a assim proceder. Pois que embora os Papas tenham tido diversas opiniões a respeito do assunto, nenhum deles declarou que em caso dessa natureza o Juiz é obrigado a tornar conhecido da acusada o nome dos acusadores...*

---

<sup>46</sup> Nessa linha BAIGENT, LEA e VACANDARD.

*Bonifácio VIII decretou o seguinte: Se em caso de heresia parecer ao Bispo ou ao inquisidor que as testemunhas ou os informantes incorreriam em grave perigo em virtude dos poderes das pessoas contras as quais prestam depoimento, caso o seu nome viesse a se tornar publico, não deverá publicá-lo. Mas se não houver perigo, os nomes devem ser tomado públicos exatamente como em outros casos...*

*Tal não se refere só a um Bispo ou a um inquisidor, mas a qualquer Juiz que conduza um julgamento de bruxas com o consentimento do Inquisidor ou do Bispo...*

*Ademais, o Juiz diligente atentará para os poderes dos acusados.<sup>47</sup>*

Para KRAMER e SPRENGER, a revelação ou não do nome do acusado dependeria da possibilidade de haver perigo para a testemunha. Não havendo perigo para a testemunha, o inquisidor, se assim o quisesse poderia informar o réu o nome do seu acusador.

A maior prova que se poderia obter no sistema inquisitorial era a confissão do acusado.

Devemos considerar que o estado de espírito das cidades que estavam sendo visitadas pelos Inquisidores estava alterado. O medo percorria cada um dos cidadãos. O ânimo daquele que era intimado para responder as acusações era consideravelmente pior do que dos demais.

Para que o acusado confessasse, os inquisidores podiam utilizar diversas técnicas de tortura para obter a verdade que desejavam. As técnicas de persuasão dos inquisidores, para os casos de pouca importância eram atos simples como manter o suspeito isolado por algum tempo, prendê-lo por poucos dias. Associando-se essas condições juntamente com o estado de paranóia que corria na cidade, levava os suspeitos a confessar o cometimento da heresia.

Já para as acusações de crimes mais graves, como bruxaria, catarismo, pacto com o demônio, etc., em que o acusado não confessava de imediato o crime,

---

<sup>47</sup> KRAMER, Heinrich; e SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. Pag 417.

eram utilizadas técnicas mais aprimoradas. A primeira, a persuasão. “O *martelo das Feiticeiras*” nos traz o seguinte exemplo:

*Se ela própria é em si grande fonte de perigo, por ser líder de outras bruxas, então pode-se prometer-lhe a vida sob as condições seguintes: que seja condenada à prisão perpétua, a pão e água, desde que forneça evidencia que leve a condenação de outras bruxas. E não se lhe dirá, ao prometer-lhe a vida, que será aprisionada dessa forma; que se deixe a acusada imaginar que alguma outra pena, como o exílio, lhe será imposta como castigo. E sem duvida bruxas notórias, especialmente as que fazem uso de remédios de bruxaria e as que curam os enfeitiçados por meios supersticiosos, devem ser mantidas dessa forma, para que possam ajudar os enfeitiçados, e para que possam delatar outras bruxas. Mas tal delação não deve ser considerada em si suficiente para uma condenação, porque o demônio é mentiroso, salvo se consubstanciada pela evidencia do fato, e por testemunhas.<sup>48</sup>*

No exemplo extraído da obra de KRAMER e SPRENGER era recomendado ao Inquisidor, que, por meio de subterfúgios, promettesse ao acusado que não lhe seria tirado à vida, e fizesse com que o acusado acreditasse que receberia uma pena mais branda (como a pena de exílio), quando, na verdade, a pena que seria aplicada deveria ser a de prisão perpétua. Contudo, se fosse prometido ao herege à aplicação da pena de prisão perpétua *a promessa de poupar-lhe a vida deverá ser mantida por algum tempo, mas que depois seja queimada*<sup>49</sup>.

Não sendo a persuasão e o subterfúgio suficientes, recorria-se a uma técnica mais poderosa, e com certeza a mais persuasiva: a Tortura.

A prática de se torturar os acusados de heresia para obter a sua confissão acabou sendo o *resultado lógico da adoção do processo por inquérito*<sup>50</sup>, afinal, para se atingir o objetivo do processo inquisitorial, que era a confissão do pecado da heresia, era necessário utilizar-se de todos os meios possíveis.

---

<sup>48</sup> KRAMER, Heinrich; e SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. Pag. 432.

<sup>49</sup> KRAMER, Heinrich; e SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. Pag. 432.

<sup>50</sup> NASPOLINI, Samyra Haydêe. *Aspectos Históricos, Políticos e Legais da Inquisição*. In. WOLKMER, Antonio Carlos. *Fundamentos de História do Direito*. Pag. 242.

O Inquisidor, ao recomendar a tortura deveria, *portar-se de tal modo, ao emitir sentença de castigo corporal, que seu rosto demonstre compaixão, enquanto seu propósito interior continua inabalado, e assim evitará a aparência de indignação e ira que leva à acusação de crueldade*<sup>51</sup>.

Os inquisidores eram, a princípio, proibidos de ministrar eles mesmos a tortura física, atuando apenas como supervisores. A responsabilidade de aplicar a tortura era do poder secular.

No romance histórico, “O Nome da Rosa”, do escritor italiano UMBERTO ECO, o personagem central, Guilherme de Baskerville, discute com seu noviço Adso, sobre a aplicação da tortura:

*“Bernardo o torturou...” sussurrei a Guilherme.*

*“Que nada”, respondeu Guilherme. “Um inquisidor, não tortura jamais. A cura do corpo do acusado é sempre confiada ao braço secular.”*

*“Mas é a mesma coisa!” eu disse.*

*“Não absolutamente! Não o é para o inquisidor, que tem as mãos limpas, e não o é para o inquirido, que quando chega o inquisidor encontra nele um súbito apoio, lenitivo para suas penas, e abre-lhe o coração.”*

*Fitei o meu mestre: “Vós estais brincando”, disse espantado.*

*“Parecem-te coisas com que se brinque?” respondeu Guilherme.<sup>52</sup>*

O diálogo representa bem a posição dos três participantes da tortura. O acusado que está sujo do pecado e que deve confessá-lo; para ser purificado, o poder secular, cujo braço forte agride o acusado, “forçando a purificação”; e o Inquisidor, figura espiritual, o poder da absolvição e de redenção para o pecador que sofre, aquele que pode livrá-lo do pecado e purificá-lo.

Contudo, em 1252, uma Bula emitida pelo Papa Inocência IV autorizou os inquisidores a eles próprios ministrarem as torturas, com a ressalva *de que tal*

---

<sup>51</sup> , Henry Charles. *A History of The Inquisition of The Middle Ages – Vol. I.* Pag. 368.

<sup>52</sup> ECO, Umberto. *O Nome da Rosa.* Pag. 425.

*compulsão não envolva ferimento a membro nem perigo de morte*<sup>53</sup>. Já em 1260, o Papa Alexandre IV, permitiu aos inquisidores que se concedessem dispensas uns aos outros por quaisquer irregularidades que ocorressem como a morte prematura do acusado<sup>54</sup>.

Existia uma regra entre os inquisidores, vinculado as torturas, para a qual os historiadores têm dificuldade de achar a sua origem. Trata-se da proibição de derramamento de sangue no momento da tortura. A referida tradição parece ter surgida no século IX.

*Os instrumentos de tortura da Inquisição pareciam destinados a manter o derramamento de sangue no mínimo. Mas a maioria das formas de tortura – instrumentos preferidos como o ecúleo<sup>55</sup>, o saca-unhas, o strappado<sup>56</sup> e a tortura da água – evitavam o deliberado derramamento de sangue. Aparelhos desse tipo parecem ter sido idealizados para causar o máximo de dor e o mínimo de sujeira. Independentemente dos instrumentos de tortura criados pela Inquisição para infligir dor e obter a confissão, o maior e o mais utilizado, com certeza, era o FOGO.<sup>57</sup>*

A tortura pelo fogo não deixava o sangue escorrer e, logo, era a melhor ferramenta que os inquisidores possuíam para obtenção das confissões.

No fim, indubitavelmente, todo acusado, sem exceção, sofria tortura até confessar o seu pecado. Os privilegiados, sofriam tortura psicológica (espera em isolamento, promessas, etc.), os demais sofriam a tortura física.

---

<sup>53</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 52.

<sup>54</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 52.

<sup>55</sup> O ecúleo era um instrumento de madeira, semelhante a um cavalo, que o acusado montava nu. Os torturadores puxavam o acusado para baixo pressionando as partes íntimas dos acusados, causando dor.

<sup>56</sup> No Strappado o acusado tinha as mãos amarradas nas costas. O acusado era içado, por trás, pelo nó que prendia as mãos, o indivíduo ficava suspenso no formato de um Z. Pesos podiam ser adicionados para aumentar a intensidade da dor. A tortura somente parava, quando o ombro se deslocava.

<sup>57</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 45.

Obtida a confissão, a mesma era transcrita. A confissão era lida para o acusado. O Inquisidor questionava ao acusado, para que este dissesse se a transcrição condizia com que o fora relatado. Se a resposta fosse afirmativa, o inquisidor registrava no processo: *que a confissão fora livre e espontânea, sem influencia de força ou medo*<sup>58</sup>. Seguia-se a sentença, a qual era pronunciada de imediato pelo Inquisidor.

### **3.4. Punição – As Penitências e Morte**

Após a emissão da sentença a punição, do herege era, na maioria das vezes, feita de imediato. A execução da penalidade era chamada de Penitência.

Nos crimes de heresia de menor relevância poderiam ser aplicadas multas, tomada de bens, peregrinação a lugares santos, a obrigação de entrada em um monastério, e a adesão as cruzadas.

No século XIII, a adesão as cruzadas foi uma penalidade comum. Os penitentes eram enviados em peregrinação à Terra Santa por um período que podia variar de dois a oito anos. Se os penitentes sobrevivessem, exigia-se que trouxessem consigo na volta uma carta do Patriarca de Jerusalém ou Acre, comprovando o seu serviço.

As penitências na forma de multa se tornaram motivo de escândalo, visto que os inquisidores, muitas vezes, extorquiam grandes somas de dinheiro para si mesmos.<sup>59</sup>

Nos casos mais graves a pena era a de morte. Morte pelo fogo.

---

<sup>58</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 45.

<sup>59</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 49.

Entre os historiadores não existe um consenso sobre a origem da tradição da utilização do fogo para punição dos hereges. BAIGENT entende que a tradição decorre diretamente do direito romano, pois *a morte pelo fogo era o castigo padronizado para o parricídio, sacrilégio, incêndio criminoso, bruxaria e traição.*<sup>60</sup>

Contudo, outra explicação encontrada pelos historiadores está no trecho do Evangelho de São Mateus, onde Jesus diz: *E também agora está posto o machado à raiz das árvores, toda a árvore, que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo*<sup>61</sup>.

No início do sistema inquisitorial, comandado pelos dominicanos, a sentença de morte raramente foi utilizada. Em geral, a sentença de morte era o último recurso a ser aplicado. A maioria dos Inquisidores preferia manter a alma salva por meio de penitências ou peregrinações, mesmo que o corpo físico estivesse quebrado, atestando a misericórdia e grandeza de fé. Os inquisidores também reconheceram que alguns, penalizados com a pena de morte, utilizavam esse momento para se transformarem em mártires, fazendo com que a heresia se propagasse mais.

Os Inquisidores não realizavam as execuções eles mesmos. Em vez disso, o acusado era entregue às autoridades civis ou seculares que acompanhavam. O Inquisidor, por meio da fórmula pré-estabelecida: *Eu vos dispenso de nosso fórum eclesiástico e abandono-vos ao braço secular. Mas imploramos vigorosamente ao tribunal secular que mitigue sua sentença, de modo a evitar derramamento de sangue ou risco de morte.*<sup>62</sup>. BAIGENT vai afirmar que a fórmula tratava de uma recitação *deliberadamente vazia, que apenas possibilitava ao Inquisidor, como Pilatos, lavar as mãos do assunto*<sup>63</sup>.

---

<sup>60</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 46.

<sup>61</sup> Evangelho de São Mateus 5:30.

<sup>62</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 53 e 54.

<sup>63</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 53 e 54.

O eventual receio da criação de mártires logo foi deixada de lado e a pena de morte foi amplamente usada pelos inquisidores. Além disso, os inquisidores não temiam em jogar nas fogueiras eventuais inocentes. Conrad Tors, inquisidor alemão teria afirmado que *queimaria cem inocentes se houvesse um culpado entre eles*<sup>64</sup>.

O momento da execução se iniciava com uma procissão, na qual os hereges eram guiados pelo poder secular. Usualmente o local da queimada era afastado do centro da vila ou da cidade. Assim como era restrito as pessoas que pudessem assisti-lo. O herege era amarrado a um tronco de madeira, o tronco, por sua vez, tinha como base um cubo formado com toras cruzadas.

Antes de se atear fogo, os inquisidores, que agora neste momento apenas a função acompanhar a procissão de morte, pois todos os atos eram praticados pelo poder secular questionam, novamente, os acusados sobre seu arrependimento. Conta-se que na maioria dos casos o acusado se arrependa de seus pecados, contudo, não havia a comutação da pena. Como benefício ao arrependido, o poder secular poderia matá-lo por estrangulamento antes de atear-lo fogo, para que não houvesse maior sofrimento.

A morte pelo fogo não reduzia o condenado as cinzas. Ao apagar das chamas iniciava-se o processo de destruição do corpo separando-o em pedaços, quebrando os ossos e jogando os fragmentos numa nova fogueira de troncos, para ai então se tornarem cinzas.<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 55.

<sup>65</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 53 e 54.

## 4. ESTUDO DE CASO – JULGAMENTO DOS TEMPLÁRIOS

### 4.1. Ambiente histórico anterior ao surgimento dos Templários

Ano de 1095 d.C.

O Vigário de Cristo, o Papa Urbano II, ao discursar para um grande público nas imediações da cidade de Clermont, França, clamou aos que pertencessem ao corpo de Cristo na Terra, a sua Igreja, para que partissem no que ele denominou de Peregrinação Armada e que retomassem das mãos dos hediondos muçulmanos a cidade Santa onde Cristo morreu e ressuscitou: a Cidade de Jerusalém.

No seu discurso, o Papa Urbano II, utilizando-se de um tom extremamente apocalíptico, convocou os principais líderes da Europa, para que deixassem suas diferenças de lado e se unissem com apenas um único objetivo: montar um exército tão magnífico que representaria a própria força de Deus na Terra, com a promessa do Papa de que aqueles que fossem nessa Peregrinação armada teriam todos os seus pecados redimidos, pois Deus iria suprir todas as suas necessidades, assim como fez com Moisés e o povo de Israel quando saíram do Egito.<sup>66</sup>

Para muitos, esta foi à oportunidade ideal para buscar redenção de sua vida pecaminosa, o de ter um propósito maior que seria o de cumprir com a palavra divina.

A invocação feita pelo o Papa Urbano II alcançou os efeitos desejados. No ano de 1097, começou a se movimentar um exército formado de pelo menos 40.000 homens. Sendo que destes, 4.500<sup>67</sup> eram nobres com treinamento militar e que, dada a

---

<sup>66</sup> Êxodo capítulo 16 e seguintes.

<sup>67</sup> HAAG, Michael. *Os Templários*. Pag. 88.

sua experiência, souberam conduzir quase todo o exército em segurança até as portas de Jerusalém.

Os Peregrinos Armados que vieram da Europa foram chamados de Cruzados<sup>68</sup>.

Para ir da Europa até Jerusalém, os Cruzados demoraram cerca de três anos, e percorrerem uma distancia de aproximadamente de cinco mil quilômetros até as muralhas da Cidade Santa.

Os Cruzados que sobreviveram à viagem chegaram à Jerusalém por volta de junho de 1099. O número dos combatentes ficou muito reduzido pela longa viagem. Aproximadamente 1.200 cavaleiros e 15 mil soldados a pé<sup>69</sup>, do grupo inicial, chegaram à Cidade Santa. Junto com eles, milhares de homens e mulheres sem treinamento que acompanharam a peregrinação, e que ficaram conhecidos como Tafurs.<sup>70</sup>

Na época em que os Peregrinos chegaram à Terra Santa, Jerusalém estava tomada pelos muçulmanos Fatímidas.

Os Fatímidas eram árabes originários da Síria que haviam migrado para o norte da África, após, teriam retornado para Leste do Egito onde estabeleceram, por

---

<sup>68</sup> O termo "cruzado" entrou em uso somente no século XIII, depois que a Terra Santa estava perdida e as cruzadas tinham terminado. Os homens a que hoje chamamos cruzados eram conhecidos por vários nomes, como Cavaleiros de Cristo, Peregrinos armados; eles se viam como em uma peregrinação, com a diferença de que os peregrinos eram proibidos de portar armas. O sentido original da palavra "peregrino" é estrangeiro ou viajante; para os cristãos, a vida era uma peregrinação a um mundo estranho. (HAAG, Michael. Os Templários. Pag 87).

<sup>69</sup> HAAG, Michael. Os Templários. Pag. 92.

<sup>70</sup> Os Tafurs eram pessoas humildes que se juntaram aos cruzados, contudo não tinham relação com eles. A história os descreve como: descalços, vestindo roupas de saco, imundos e doentes, que se alimentavam de raízes e mato, e às vezes dos cadáveres de seus inimigos. Por onde passavam deixavam um rastro de devastação. Pobres demais para possuir espadas, lutavam com clavas, facas, pás, machados, estilingues e varas pontudas. Sua ferocidade era temida; os líderes da cruzada não conseguiam controlá-los e jamais se aproximavam deles sem estar armados – HAAG, Michael. Os Templários. Pag. 89 e 90.

volta do ano de 969 d.C., um Califado Xiita. No final do século X, teriam ampliado seu império sobre a Palestina, englobando Jerusalém, e o sul da Síria<sup>71</sup>.

No momento da chegada dos Cruzados, os Muçulmanos vivenciavam uma crise política, que beneficiou o exército europeu. Mesmo com este benefício o número dos cruzados era numericamente inferior para poder sobrepujar as muralhas de Jerusalém. Mesmo lutando bravamente, os muros da Cidade Santa não permitiram o avanço do exército Cristão, pois os europeus não estavam devidamente preparados, necessitavam de armas de cerco e de mais homens.

Talvez, por interferência divina, ou, por puro acaso, no momento de maior necessidade dos Europeus, seis navios, dois vindos de Gênova e quatro da Inglaterra, vieram com mais homens e com as armas de cerco necessárias para sobrepujar as muralhas<sup>72</sup>.

Os relatos históricos nos contam que as armas de cerco fizeram o seu trabalho, criando aberturas nos muros de Jerusalém, por onde os Tafurs obtiveram acesso ao seu interior e iniciaram o massacre<sup>73</sup>, de todos que lá se encontravam.

Diz-se que Raimundo de Aguilers, cronista da primeira cruzada, teria feito o seguinte comentário:

*Cabeças, mãos e pés empilhados podiam ser vistos pelas ruas da cidade. Mas isso não foi nada diante do que aconteceu no Templo de Salomão, onde os serviços religiosos [muçulmanos] eram ordinariamente celebrados. O que aconteceu lá? Se eu disser a verdade ninguém acreditará. Direi apenas que no Templo de Salomão os homens entravam a galope, com sangue pelos joelhos e rédeas.*<sup>74</sup>

---

<sup>71</sup> HAAG, Michael. *Os Templários*. Pag. 72 e 73.

<sup>72</sup> HAAG, Michael. *Os Templários*. Pag. 91 e 92.

<sup>73</sup> Os cruzados, propriamente ditos só conseguiram adentrar em Jerusalém depois do Tafur

<sup>74</sup> HAAG, Michael. *Os Templários*. Pag. 93.

O relato dado por Raimundo, mesmo parecendo exagerado, confirma que os muçulmanos que se encontravam dentro das muralhas foram massacrados.

Assim, em meio a um massacre, em julho de 1099, os Cruzados que vieram da Europa, atendendo ao chamado do Papa Urbano II, tomaram das mãos dos muçulmanos a Cidade Santa: Jerusalém, encerrando a Primeira Cruzada.<sup>75</sup>

#### **4.2. Surgimento dos Templários – Protetores dos Peregrinos**

Com a retomada de Jerusalém das mãos dos muçulmanos e a instalação de um Reino Cristão em Jerusalém. Os europeus se viram livres para visitar a Terra Santa, fazendo aumentar as peregrinações religiosas para visitar a Terra Santa.

Contudo, os peregrinos que vinham para Terra Santa, na sua maioria, vinham despreparados, sem considerar a sua segurança. As caravanas de peregrinos eram atacadas quando atravessavam as estradas montanhosas que antecedem Jerusalém. Os viajantes, que estavam fatigados pela viagem, que vinham em grupos pequenos, eram presas dos bandos de beduínos nômades que viviam nas áreas desérticas próximas a Jerusalém.

---

<sup>75</sup> A Primeira Cruzada, ou Cruzada dos Nobres, não foi à primeira de fato, apenas a Primeira que conseguiu alcançar Jerusalém. Em 1096 d.C., teve início à primeira peregrinação com objetivo de resgatar Jerusalém das mãos dos muçulmanos. Esta peregrinação recebeu o nome de Cruzada dos Pobres, ou Cruzada dos Humildes. Milhares de homens e mulheres humildes, desejosos em cumprir a vontade de Deus, mas, sem nenhum planejamento, sem tomar cuidado com provisões e sem conhecer o caminho, acreditando piamente na proteção de Deus prometida pelo Papa, fracassava completamente. Os Peregrinos mal conseguiram chegar à Constantinopla, que ficava na metade do caminho. Grande parte morreu de fome pelo caminho, outra parte foi escravizada, e uma terceira parte morreu nas mãos de bandidos de estrada. Os que sobreviveram se uniram aos nobres que vinham em seguida e aderiram ao Tafur.

A cidade de Jerusalém poderia ser um Reino Cristão Europeu na Palestina protegida pelos seus muros e por seus defensores, mas a rota que ligava a Europa até esse Reino não era alcançada por essa proteção.

Muitos dos cruzados, que vieram apenas para retomar Jerusalém, voltavam para as suas terras natais.

Havia perigo por todas as estradas. O Rei de Jerusalém da época, Balduíno II, precisava criar uma guarda permanente para proteção dos peregrinos<sup>76</sup>. Por coincidência, ou não, voluntários apareceram perante o Rei oferecendo seus serviços para proteção do Reino. O historiador, Guilherme de Tiro<sup>77</sup>, nos apresenta o seguinte relato:

*No mesmo ano [1118], certos nobres e devotos e tementes a Deus, pertencentes à categoria dos cavaleiros, dedicados ao Senhor, manifestaram o desejo de viver perpetuamente na pobreza, na castidade e na obediência. Nas mãos do patriarca, prestaram o juramento de servir a Deus como cônegos comuns. Os principais e mais ilustres eram o venerável Hugues de Payens e Geoffroi de Saint-Omer. Como eles não possuíam uma Igreja nem residência fixa, o Rei concedeu-lhes um local de moradia temporária em seu próprio palácio, no lado norte do Templo do Senhor...*

*Somente nove homens, de início, encarregaram-se desse projeto sagrado...*

*O principal dever dessa ordem – aqueles que lhes foi prescrito pelo patriarca e pelos outros bispos para a remissão dos seus pecados – foi que, até onde sua força permitisse, eles deveriam manter as estradas livres da ameaça de ladrões e salteadores, com atenção especial à proteção dos peregrinos.<sup>78</sup>*

---

<sup>76</sup> HAAG, Michael. *Os Templários*. Pag. 104 e 105.

<sup>77</sup> Guilherme, arcebispo de Tiro é conhecido por ser o primeiro historiador dos Templários. Nascido na Síria, em 1130, viajou à Itália, onde tomou as ordens sacras, tornando-se chanceler do Reino de Jerusalém. Por ordem do Rei Balduíno, compôs, por volta do ano de 1173, a obra *Storia di Outremer*. Fonte importantíssima para reconstruir a história da Ordem desde as suas origens. A obra de Guilherme dá uma imagem heróica dos primeiros Templários, pobres, humildes e penitentes, para depois concluir que os tantos privilégios e dinheiro acumulados por seus sucessores os teriam deixado orgulhosos e gananciosos. Vários historiadores – entre eles HAAG, FRALE, BURMAN e DEMURGER – acreditavam que Guilherme desprezasse os Templários.

<sup>78</sup> BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Pag. 18 e 21.

O Rei Balduíno percebeu que esses homens poderiam exercer a função de proteger os caminhos dos peregrinos e deu a eles as condições necessárias para que assim o fizessem. O Rei concedeu armas, cavalos, e um local para moradia perto do palácio real.

O local escolhido para a moradia ficava no mesmo local onde havia sido construído o Templo do Senhor ou o Templo do Rei Salomão, que havia sido destruído pelos babilônios em 587 a.C., reconstruído, posteriormente, por Herodes, o Grande, em 4 d.C., e destruído novamente por ordem do Imperador romano Tito, em 70 d.C.

Foi o local, escolhido para sua moradia, que inspirou os cavaleiros a adotarem o nome que os marcaria por toda a história. Os cavaleiros residentes no Templo vieram a ser conhecidos como a Ordem Militar dos Cavaleiros do Templo de Salomão, ou, como foram mais conhecidos: Templários.

### **4.3. Ascensão dos Templários**

Por aproximadamente nove anos, os Templários permaneceram na mesma situação, apenas cumprindo sua função de acompanhar e proteger os peregrinos. Seu número cresceu muito pouco durante esse período.

Em 1126, Hugues de Payens<sup>79</sup> deixou Jerusalém e foi para o Ocidente com o intuito de recrutar novos cavaleiros e fazer com que os Templários fossem reconhecidos como Ordem Religiosa e ao mesmo tempo Militar, o que parecia um total contrasenso.

---

<sup>79</sup> Hughes Podendo ser grafado como Hugo, Hugue, etc.. E Payens podendo ser grafado como Pains Payns, Paynes, etc.

Nessa viagem, Payens encontrou São Bernardo de Clairvaux (1090 – 1153), líder da Ordem de Cister (ou Cistercienses).

São Bernardo apadrinhou os Templários e fez de tudo para auxiliá-los em sua demanda. Tanto que em 1128, conseguiu convencer o Papa Honório II a realizar o Concílio de Troyes, que tratou, quase que exclusivamente, da criação da Regra, ou estatuto, da Ordem dos Templários.

A Regra, ou estatuto, criado por São Bernardo exigia que os Templários renunciassem a seus desejos carnis, menosprezassem os bens materiais e não temessem a luta, mas estivessem sempre preparados para morrer e receber a coroa da salvação e da vida eterna. Os cavaleiros deviam se vestir de branco, simbolizando que haviam deixado para trás uma vida de pecados pelo estado de perpétua castidade. Os cabelos tinham de ser cortados curtos, mas todos os cavaleiros Templários usavam barba como se não fosse permitido cortá-la. Linguagem chula e demonstrações de raiva estavam proibidas bem como reminiscências de conquistas sexuais no passado. Propriedades, conversas informais com pessoas de fora, ganhar presentes ou receber e enviar cartas deveriam ser antes submetidos ao mestre. A disciplina era controlada por um sistema de penalidades que previa, em casos extremos, a expulsão do membro.<sup>80</sup>

A realização do Concílio teve como efeito prático o anúncio, para toda a Europa, de que existia uma Ordem de Monges Guerreiros que lutava contra os inimigos da cristandade. De que existiam homens dedicados a expiar os seus próprios pecados, colocando a vida em risco para proteger a Terra Santa. Para esses homens, a morte dos sarracenos não significava assassinato, mas a eliminação de todos que se faziam

---

<sup>80</sup> HAAG, Michael. *Os Templários*. Pag. 110.

instrumentos do mal. *Não se tratava de homicídio, mas malicídio, ou a morte do mal*<sup>81</sup>. O cavaleiro Templário é servo da Igreja, combatendo e dando a sua vida por ela.

Por fim, o Papa anunciou que essa Ordem de Monges Guerreiros precisava de auxílio de homens e materiais para continuar com a sua luta.

Com a propaganda feita pelo Papa, e o apoio dado por São Bernardo, os Templários viram seu número crescer de forma exponencial.

Depois da Segunda Cruzada (1147 – 1149), os Templários (juntamente com os Hospitalários<sup>82</sup>) passaram a ser a espinha dorsal da resistência aos muçulmanos, mas eram os Templários que tinham o ímpeto militar e a maior parte do controle de fortalezas.

Os Templários, para poder sustentar todo seu maquinário de guerra não podiam depender apenas da ajuda dos nobres e da Igreja. Para suprir suas necessidades, eles inovaram.

A primeira atividade dos Templários, ou seja, proteção aos peregrinos propiciou à Ordem a possibilidade de, além de proteger os Peregrinos (atividade que não tinha retorno financeiro), proteger suas riquezas (atividade que era remunerada). Com o decorrer do tempo, as atividades dos Templários foram se ampliando.

Os Templários criaram na Europa um sistema de casas-fortes, onde os nobres poderiam guardar suas riquezas. A confiança nas casas-fortes templárias era

---

<sup>81</sup> FRALE, Bárbara. *Os Templários*. Pag. 40.

<sup>82</sup> Por volta do ano 600 o Papa Gregório, o Grande, havia encomendado a construção de um hospital em Jerusalém para cuidar e tratar dos peregrinos. Em 1005 o hospital foi destruído pelos muçulmanos. Em 1070, o hospital foi reconstruído, e passou a ser dirigido por monges beneditinos. O hospital foi consagrado para São João, o Misericordioso, patriarca de Alexandria do século VII. Após a primeira cruzada, o hospital deixou de ser controlado pelos beneditinos e criou sua própria Ordem, a dos Cavaleiros do Hospital de São João, ou Hospitalários. A Ordem dos Hospitalários possuía uma Regra similar a dos Templários, mas além da proteção aos peregrinos os Hospitalários visavam primeiro a saúde destes.

tanta que o Rei da Inglaterra, em 1185, depositou todo o tesouro real na fortaleza dos Templários<sup>83</sup>.

As terras que foram doadas aos Templários foram arrendadas a terceiros, ou utilizadas, pelos próprios Templários para agricultura.

Os Templários possuíam a sua própria frota de navios que tinham a finalidade de trazer novos soldados e materiais bélicos para as linhas de combate, assim como para transporte de mercadorias (exportação e importação).

A aparente riqueza dos Templários permitiu que os mesmos fizessem empréstimos aos nobres que necessitassem. Empréstimos famosos foram o empréstimo concedido ao Rei Balduino III, onde o mesmo teve de deixar a Cruz Verdadeira como garantia do empréstimo<sup>84</sup>. Durante a segunda cruzada, o Rei Luis VII (1137 – 1180) necessitava de dinheiro para se manter na terceira cruzada, o dinheiro veio dos cofres dos Templários<sup>85</sup>. Outro caso de empréstimo relevante ocorreu em 1298, quando a Ordem realizou empréstimo para a própria Igreja<sup>86</sup>.

Os Templários também conseguiram, por meio do Papa Inocêncio III, *isenção da jurisdição dos bispos, dos arcebispos... Somente o pontífice romano era capaz de exercitar o controle sobre a Ordem*.<sup>87</sup> Ou seja, somente o Papa poderia julgar os Templários, caso houvesse irregularidades na Ordem<sup>88</sup>. Somente outra instituição possuía este privilegio: A Inquisição.

A Ordem dos Templários alcançou o auge da sua fama em cinquenta anos após a sua criação. Depois veio a queda.

---

<sup>83</sup> BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Pag. 101.

<sup>84</sup> BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Pag. 106.

<sup>85</sup> HAAG, Michael. *Os Templários*. Pag. 150.

<sup>86</sup> FRALE, Bárbara. *Os Templários*. Pag. 107 e 108.

<sup>87</sup> FRALE, Bárbara. *Os Templários*. Pag. 123.

<sup>88</sup> Este privilegio também alcançava a Ordem dos Hospitalários e dos Cistercienses.

#### 4.4. A Queda dos Templários

A queda dos Templários começou onde a Ordem era exemplo: na Guerra.

O maior inimigo declarado dos Templários foi Salāh-ad-Din Yusuf ibn Aiyub, que significa *Virtuoso da Fé, José filho de Jó*<sup>89</sup>, mais conhecido como Saladino.

Saladino, por volta de 1170, iniciou o processo de retomada da Terra Santa para as mãos dos muçulmanos. O exército que ele reuniu era gigantesco. Contudo, seu maior benefício foram os problemas que haviam na monarquia em Jerusalém.

O Rei Balduíno IV, o Rei leproso, falecera sem deixar herdeiros.

Iniciou-se uma época de discussões sobre quem assumiria o trono, ao mesmo tempo em que Saladino movimentava suas tropas para retomada de Jerusalém. Toda esta conjuntura foi extremamente vantajosa para os muçulmanos.

Saladino retomou Jerusalém das mãos dos cruzados no ano de 1187. Sem antes, massacrar todos os europeus que se interpuseram no seu caminho. Incluindo-se os cavaleiros Templários e os Hospitalários.

Diz-se que Saladino odiava os cavaleiros Templários e Hospitalários, tanto que o historiador muçulmano Imad ad-Din (1125 – 1201) narrou a seguinte cena:

*Dois dias depois da vitória, o sultão reuniu os prisioneiros templários e hospitalários e disse: "Vou limpar a terra dessas duas raças impuras". Ele então destinou cinquenta dinares a cada homem que trouxesse um prisioneiro, e imediatamente o exercito trouxe centenas. Ele ordenou então que eles fossem decapitados, preferindo matá-los a escravizá-los... Alguns [do exercito muçulmano] faziam um corte perfeito e recebiam agradecimentos, alguns abrandavam o golpe e fracassavam; e alguns provocavam riso e eram substituídos por outros. Via-se quem zombava e quem matava, quem conversava e quem agia: quantos juramentos [de vingança] foram cumpridos, quantos elogios ganhos, e eterna recompensas adquiridas com o sangue que se fazia correr, e obras devotas estabelecidas com pescoço daquele que era decapitado! Quantas espadas manchadas de sangue por uma vitória*

---

<sup>89</sup> BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Pag. 123.

*desejada, quantas lanças brandidas contra um leão capturado por ele, quantas doenças curadas tornando enfermo um Templário.*<sup>90</sup>

Depois da derrota para Saladino, os Templários tiveram seu território no Oriente reduzido para apenas quatro fortalezas<sup>91</sup>. Os Templários, desde seu início foram objetos de críticas satíricas. Afinal, eram monges devotos que portavam espadas, usavam armaduras, e pareciam ter certo prazer na morte dos hereges. A obra de Sir Walter Scott (1771 – 1832), séculos depois do surgimento dos Templários trouxe, resumidamente, por meio do seu personagem que representa o Marechal da Ordem, as críticas que os cavaleiros do Templo já vinham sofrendo:

*– Tu bem conheces a vida que levado, observando os regulamentos da nossa ordem, lutando contra demônios visíveis e invisíveis, subjugando, como sacerdote e como cavaleiro, o leão rugidor que nos procura devorar, como prescreveu o bem-aventurado São Bernardo, no capítulo quarenta e cinco das nossas normas: Ut Leo semper feriat. Mas juro-te pelo santo Templo, pelo zelo que consumiu a substância da minha vida e, mais ainda, os meus próprios nervos e a medula dos meus ossos, juro que, com exceção de, e de um pequeno numero dos nossos irmãos, já não vejo pessoa alguma digna desse santo nome! Que dizem os nossos estatutos? E que fazem os nossos irmãos para os observar? Eles não deviam usar nenhum desses ornamentos vãos e mundanos, nenhuma pluma em seus capacetes, esporas de ouro ou rédeas enfeitadas. No entanto, onde se poderão encontrar cavaleiros mais esplendidamente equipados do que estes pobres soldados do Templo? Estão proibidos, pelos nossos regulamentos, de servir-se de uma ave para apanhar outra ave, de caçar com arco ou besta, de usar trompas de caça e atacar, a cavalo, qualquer espécie de caça. Apesar disso, quem tem hoje os melhores falcões? Quem persegue com mais encarniçamento os animais na floresta? Onde há pescadores mais hábeis do que eles? Estão proibidos de ler livros sem a autorização dos seus superiores, e de ouvir qualquer outra leitura, durante as refeições que não seja a da Sagrada Escritura. Não obstante, prestam ouvidos criminosos a todos os menestréis errantes, procurando aprender as suas canções! Ordena-se-lhes que extirpem a magia e a heresia e eis que são acusados de estudar os segredos da cabalística dos judeus e a magia pagã dos sarracenos! Foi lhes prescrita frugalidade no comer, não devendo alimentar-se de carne senão três vezes por semana, pois o abuso desse alimento constitui uma corrupção vergonhosa para o corpo, e*

---

<sup>90</sup> BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Pag. 134 e 135.

<sup>91</sup> Os Templários chegaram a ter mais de 50 fortalezas no Oriente.

*eis que suas mesas vergam ao peso das mais delicadas iguarias! Não deviam beber senão água, e, no entanto, já se tornou um provérbio dizer-se beber como um templário!*<sup>92</sup>

Após a derrota para Saladino e perda de Jerusalém, as críticas contra as ordens militares abandonou o gênero satírico e se tornou um preocupante assunto de política exterior, debatida em todas as Cortes da Europa.

Os Reinos da Europa que auxiliaram financeiramente a Ordem, *que havia tolerado os privilégios das ordens e às vezes também a sua arrogância em nome da função de proteger a Terra Santa*<sup>93</sup>, não estavam mais dispostos a suportar as suas falhas. Contudo, é necessário ressaltar que os Templários não foram os únicos responsáveis pela perda Jerusalém e seu Reino

Cada vez mais as falhas do passado voltavam a assombrar os Templários. O Papa Inocêncio III havia criticado a Ordem por não ter participado mais ativamente na Cruzada contra os Cátaros. Suspeitava-se que entre os líderes dos Templários estivessem incluídos membros de famílias Cátaras<sup>94</sup>.

Enquanto os progressos islâmicos na Terra Santa tornavam sempre mais distantes à esperança de reconquistar Jerusalém e as guerras se tornavam cada vez mais ineficazes, em virtude da prevalência do inimigo, o Templo se adaptou às novas condições e procurou valorizar o seu trabalho no setor financeiro, que há muito vinha se tornando a sua atividade principal.

O quartel-general do Templo, localizado em Paris, tornou-se a tesouraria da Coroa Francesa e foi enriquecida por uma imponente torre, especialmente feita para alojar os cofres.<sup>95</sup>

---

<sup>92</sup> SCOTT, Walter. *Ivanhoé*. Pags. 360 e 361.

<sup>93</sup> FRALE, Barbara. *Os Templários*. Pag. 99.

<sup>94</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 66.

<sup>95</sup> FRALE, Barbara. *Os Templários*. Pag. 111.

Com o progresso no campo financeiro acabou se alterando a estrutura interna da instituição. Antigamente, os verdadeiros Templários eram os que possuíam características militares, isto é, profissionais da guerra a cavalo, pertencentes à condição cavaleiresca. Aqueles que tinham apenas atribuições mercantis ou de negócios eram considerados como de nível inferior. Agora se invertia a situação. A atividade econômica dos Templários passou a ser a sua atividade principal e a função de proteger a Terra santa e os peregrinos foi deixada de lado, desconfigurando, dessa forma, a instituição dos Templários.

Era crescente o sentimento popular contra os abusos dos Templários durante todo o século XIII. O Papa Clemente IV repreendeu os Templários, por meio de uma Bula Papal para que os cavaleiros demonstrassem maior humildade e brandura, lembrando-os que eram dependentes do poder Papal, e que, sem este apoio, não teriam a defesa contra hostilidade dos bispos e das monarquias. O Papa ainda os acusou de recrutarem membros por dinheiro e criticou-os pela posse de uma imensa fortuna<sup>96</sup>.

Junte-se, ainda, o fato de que os Templários eram um exército independente dentro da Europa, fortemente armados. Os Templários tinham o poder de declarar guerra e de assinar a paz conforme julgassem convenientes. Eles não podiam receber ordens de lutar por Reis e estavam isentos de impostos e tributos reais. E por fim, iniciaram-se os boatos de que os Templários praticavam heresias, tais quais como negar e cuspir na cruz, negar Cristo, não consagração da hóstia, etc.<sup>97</sup>.

Estudiosos dos Templários, como BURMAN, entendem *que de forma alguma os julgamentos foram um acontecimento inesperado, mas sim uma consequência*

---

<sup>96</sup> BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Pag. 178.

<sup>97</sup> HAAG, Michael. *Os Templários*. Pag. 248.

*inevitável de dois séculos de crítica.*<sup>9899</sup> Contudo, o julgamento ocorreu, em virtude da interferência política do Rei da França – Felipe IV, o Belo.

#### 4.5. Felipe IV, o Belo

O Rei da França, Felipe IV, o Belo (1268 – 1314), estava em guerra com a Inglaterra, em virtude de questões expansionistas.

A guerra era imensamente dispendiosa e o Rei Francês não tinha uma fonte de custeio periódico que o auxiliasse na manutenção da guerra. A Coroa francesa tentou desvalorizar o valor da moeda, além de ter perseguido os Judeus localizados na França a fim de tomar seus bens.<sup>100</sup>

As manobras do Rei não surtiram os resultados esperados. Em Paris, irrompeu-se uma revolta e o Rei Felipe, se viu obrigado a refugiar-se, juntamente, com sua Corte na, torre do Templo em Paris.

Estando o Rei na torre, afirma-se que:

*O Rei, vendo pessoalmente o tesouro administrado pelos Templários, fosse tomado de uma grande cobiça e começasse a pensar em uma maneira de se apoderar do mesmo. De acordo com as fontes históricas, a hipótese parece por demais simplista e teatral, porque Felipe, o Belo, conhecia muito bem o patrimônio e, ademais, as manobras de aquisição do Templo por parte da coroa já vinham sendo executadas há alguns anos. Por outro lado é aceitável que naqueles dias, pressionado pela multidão que queria linchá-lo e pelas suas emergências financeiras, o soberano tenha se dado conta de que parte do capital dos Templários derivava do investimento direto da coroa e que, enfim, a Ordem possuía um ingente patrimônio, enquanto todo o país se encontrava à beira da bancarrota, sendo justo que fosse imposta ao Templo uma contribuição para que a crise fosse solucionada.*<sup>101</sup>

---

<sup>98</sup> BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Pag. 175.

<sup>99</sup> Nesse mesmo sentido FRALE e HAAG.

<sup>100</sup> FRALE, Barbara. *Os Templários*. Pag. 117.

<sup>101</sup> FRALE, Barbara. *Os Templários*. Pag. 117.

Felipe, o Belo, teria exigido do tesoureiro central da Ordem, frade Jean de La Tour, o pagamento de 300 mil florins de ouro, que praticamente teria esvaziado todos os cofres da casa de Paris. Com a finalidade manter a guerra contra a Inglaterra e patrocinar uma nova Cruzada para retomada de Jerusalém.

Ocorre que boa parte dinheiro administrado pelos Templários pertencia a credores privados, que haviam confiado à Ordem a guarda do dinheiro, justamente em razão da sua excelente reputação. Além disso, grande parte do patrimônio guardado era de propriedade da própria Igreja, cuja finalidade era o financiamento das cruzadas. O tesoureiro concedeu ao Rei da França o empréstimo sem o conhecimento do Grão-Mestre, que no momento se encontrava na ilha de Chipre, como também, não solicitou nenhuma garantia ao Rei pela concessão do empréstimo<sup>102</sup>.

Mesmo com o empréstimo, o Rei Felipe não conseguiu eliminar a crise econômica que ele mesmo criara. E, em razão disso, afirma-se, que teria planejado uma situação contra os Templários para se apropriar de todos os seus bens.

#### **4.6. A Instauração do Processo contra os Templários**

Em julho de 1307, a má reputação dos Templários junto às altas esferas da Igreja incomodou o Papa da época, Clemente V (1264 – 1314), que não podia mais ignorar a situação, e acabou por instaurar inquérito para investigar os Templários.

O pontífice romano chamou para si responsabilidade de interrogar e julgar os Templários. O Papa devia nomear comissários que seriam encarregados de

---

<sup>102</sup> FRALE, Barbara. *Os Templários*. Pag. 117 e 118.

desenvolver as investigações, visitar as sedes da Ordem e interrogar dignitários e frades de menor representação.

Contudo, por motivos de saúde, o Papa interrompeu o início do inquérito, até o término do seu tratamento.

O Rei Felipe, insatisfeito com a possível demora no inquérito, teria consultado os teólogos da Sorbonne que lhes visualizaram uma brecha na lei. Os Templários conseguiram por meio do Papa Inocêncio III, *isenção da jurisdição dos bispos, dos arcebispos... Somente o pontífice romano era capaz de exercitar o controle sobre a Ordem.*<sup>103</sup> Ou seja, somente o Papa poderia julgar os Templários, caso houvessem irregularidades na Ordem<sup>104</sup>.

Os Teólogos da Sorbonne verificaram que sob o pontificado de Honório III (1216 – 1227) foi atribuída ao inquisidor da Túscia (na Itália) a faculdade de estender seu poder de investigação também sobre os membros das três ordens que o Papado, anteriormente, havia tornado isentas pela sua fidelidade, isto é, os Templários, os Hospitalários e os Cistercienses<sup>105</sup>, sendo que o referido privilégio de investigação não foi cancelado.

Dessa forma, os Teólogos da Sorbonne concluíram que também seria de competência da Inquisição processar e julgar os Templários.

Felipe, se aproveitando de uma brecha localizada na Lei e da doença do Papa, induz em erro<sup>106</sup> Guillaume de Paris, inquisidor chefe em Paris e confessor particular de Felipe.

---

<sup>103</sup> FRALE, Bárbara. *Os Templários*. Pag. 123.

<sup>104</sup> Este privilégio também alcançava a Ordem dos Hospitalários e dos Cistercienses.

<sup>105</sup> FRALE, Bárbara. *Os Templários*. Pag. 123.

<sup>106</sup> Alguns autores como FRALE e HAAG, entendem que houve Guillaume foi manipulado por Felipe para emissão das cartas e que quando descobriu os planos do monarca teria recomendado aos membros da Ordem que fugissem da França. Outros, como BURMAN, entendem que Guillaume sempre teve conhecimento dos planos de Felipe.

Em setembro de 1307, o inquisidor da França, escreveu secretamente cartas a todos os seus subordinados, por meio das quais anunciava que se desencadearia uma captura contra os membros da Ordem Templária, e recomendando a eles que se preparassem para os interrogatórios. As cartas também foram remetidas para Inglaterra, Aragão, Castela, Espanha e Alemanha.

A carta, com as ordens de prisão, possuíam a seguinte introdução:

*Uma coisa triste, uma coisa lamentável, uma coisa horrível de imaginar e terrível de ouvir, um crime detestável, um malefício execrável, uma obra abominável, uma desgraça detestável, uma coisa totalmente desumana, alheia a todo sentimento humanitários, chegou aos nossos ouvidos, graças aos relatos de algumas pessoas dignas de crédito, não sem nos causar grande espanto e nos fazer estremecer de horror violento, e, ao pensarmos em sua gravidade, uma intensa dor nos domina, ainda mais intensamente porque não há dúvida de que as enormes proporções do crime atingem o ponto de ser uma ofensa à majestade divina, uma vergonha para a humanidade, um exemplo pernicioso de maldade e um escândalo universal.<sup>107</sup>*

Em seguida os Templários são definidos como lobos em pele de cordeiro culpados de assombrosas bestialidades, crimes abomináveis e de recorrerem à sensualidade de animais irracionais. O dominicano, em suas cartas, especificava que a operação não se referia a toda Ordem, mas somente a alguns indivíduos sobre os quais recaiam veementes suspeitas de heresia. Contudo, nas cartas o inquisidor descrevia a operação como se Felipe, o Belo, tivesse recebido a tarefa diretamente do Papa<sup>108</sup>.

Por fim a carta termina com a seguinte ordem:

*Ordenamos que todos os membros da Ordem [dos Templários] dentro do nosso Reino sejam detidos, sem nenhuma exceção, aprisionados e reservados para o julgamento da Igreja e que todas as suas propriedades móveis e imóveis sejam confiscadas, colocadas em nossas mãos e guardadas fielmente.<sup>109</sup>*

---

<sup>107</sup> BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Pag. 200 e 201.

<sup>108</sup> FRALE, Barbara. *Os Templários*. Pag. 125.

<sup>109</sup> BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Pag. 203.

Em outubro de 1307, em uma operação coordenada, 138 Templários são presos em toda a França, entre eles os grandes líderes da Ordem. Nos demais países, para onde as cartas foram remetidas, como Aragão e Castela, houveram as prisões de apenas poucos membros. A Inglaterra se recusou a fazer qualquer tipo de prisão.

#### 4.7. As acusações contra os Templários e os Interrogatórios

As acusações contra os Templários foram, resumidamente, as seguintes:

- *Os Templários realizavam cerimônias de recepções e reuniões do capítulo em segredo e no meio da noite.*
- *Nas cerimônias de recepção os iniciados eram obrigados a negar Cristo; e*
- *A cuspir, urinar e pisar sobre a cruz e nas imagens de Cristo;*
- *Beijar o oficial da recepção na boca, no umbigo, na base da espinha e às vezes nas nádegas e no pênis; e*
- *Submeter-se a práticas homossexuais se requisitado pela ordem, que praticava a sodomia institucionalizada.*
- *Os irmãos não acreditavam nos sacramentos, e os padres Templários não consagravam a hóstia.*
- *Os irmãos adoravam um ídolo que tinha a forma de uma cabeça ou de um gato chamado Baphomet.*
- *Embora não fossem ordenados pela Igreja, os altos oficiais Templários, entre eles o Grão-Mestre, absolviam os irmãos dos seus pecados.*
- *Os Templários não faziam doações caridosas como deveriam fazer nem praticavam a hospitalidade.<sup>110</sup>*

Dizia-se que todo novo Templário que ingressava na Ordem, depois de fazer seus juramentos era conduzido a um local isolado onde seu líder afirmaria: “*Senhor, todas as promessas que fizestes são vazias de palavras. Agora, deveis dar prova de*

---

<sup>110</sup> HAAG, Michael. *Os Templários*. Pag. 248.

vós com os fatos<sup>111</sup>. Após, era ordenado, ao novo membro que renegasse a Cristo e cuspsse na cruz.

Todas as acusações feitas contra os Templários foram apenas variantes das que já vinham sendo feitas contra outros grupos heréticos<sup>112</sup>, como os cátaros e as bruxas.

Com a prisão de todos os Templários pelos inquisidores, deu-se prosseguimento à fase de inquirições, com a utilização da praxe das torturas.

Os Templários torturados admitiram a prática das heresias que eram acusados.

Em outubro de 1307, o Rei francês organizou uma audiência pública durante a qual o chefe do Templo, Jacques de Molay, confessara que, em sua época, devia renegar a Cristo, cuspidando sobre a cruz durante a própria cerimônia de ingresso, que incentivava os novos membros da Ordem a fazerem o mesmo<sup>113</sup>, escandalizando os presentes.

Clemente V, quando foi avisado da captura dos Templários por um mensageiro, ainda tentava concluir a própria terapia. O Papa retornou imediatamente à Cúria. Para contornar a situação elaborou uma Bula de protesto destinada ao Rei Felipe, o Belo, *sabiamente calibrada nas expressões de condenação... Para dar ao soberano certa comodidade para reconsiderar*<sup>114</sup>. A Bula do Papa ordenava que o Rei Felipe, o Belo, remetesse imediatamente os Templários aos cuidados da Igreja, *fazendo com que todo o incidente não passasse de um erro cometido em boa-fé por alguém que não conhecesse certos ditames do Direito Canônico*.<sup>115</sup>

---

<sup>111</sup> FRALE, Barbara. *Os Templários*. Pag. 132.

<sup>112</sup> BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Pag. 210.

<sup>113</sup> FRALE, Barbara. *Os Templários*. Pag. 137.

<sup>114</sup> FRALE, Barbara. *Os Templários*. Pag. 140.

<sup>115</sup> FRALE, Barbara. *Os Templários*. Pag. 137.

Na mesma Bula, foi instruído para todas as autoridades cristãs prendessem todos os Templários dentro de suas jurisdições e que assumissem o controle de suas propriedades<sup>116</sup>. Em janeiro de 1308, todos os Templários estavam presos.

Diferentemente da prisão ordenada pelo Rei Felipe, agora os Templários foram bem tratados, nenhum preso foi submetido a interrogatório ou a torturas.

Em 27 de dezembro de 1307, o Grão-Mestre do Templo, Jacques de Molay, depôs diante de dois enviados do Papa e retratou sua confissão, afirmando que ela havia sido obtida somente por meio de tortura. Conta-se que Jacques de Molay teria pedido para depor em público, diante de uma multidão reunida na catedral de Notre-Dame, onde teria se despido para mostrar os sinais das torturas que lhe haviam inferido sobre todo o corpo. Mas não há registros históricos que suportem essa versão.

No verão de 1308, Clemente V decide que deverá ser realizado um Concílio na cidade de Viena para decidir sobre o destino dos Templários.

#### **4.8. O Fim dos Templários**

O Concílio de Viena, marcado pelo Papa Clemente V teve início em outubro de 1311.<sup>117</sup>

Para o Concílio, Clemente convidou os Templários para que participassem. Nove Templários apareceram motivados a apresentarem sua defesa perante os membros do Concílio. Contudo, no momento em que compareceram, o Papa teria ordenado a sua prisão.

---

<sup>116</sup> A fim de impedir a corrida aos saques que já estavam em ação, enquanto o Papa, única autoridade viva no direito de julgar os templários, até o presente momento não havia visto o rosto dos acusados.

<sup>117</sup> BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Pag. 215.

O Concílio já durava cinco meses e os ânimos dos envolvidos já estavam exaltados. O Rei Felipe tentava forçar que o Concílio votasse pela supressão da Ordem do Templo, com base nas provas de heresias de outros crimes. Em um apelo formal ao Concílio, o Rei Felipe teria afirmado:

*É por isso que, ardendo de devoção pela fé ortodoxa, e para que tal ofensa contra Cristo não fique impune, suplicamos a Vossa Santidade, afetuosamente, devotadamente e humildemente que suprima a Ordem [dos Templários] e crie uma nova ordem militar e transfira para ela, com seus direitos, honras e encargos, as propriedades da Ordem.*<sup>118</sup>

Para forçar mais ainda a situação, conta-se que Filipe chegou, no fim de março de 1312, acompanhado de um pequeno exército para forçar a votação. Assim, após anos de debates e discussões o encerramento da Ordem do Templo foi votada por quatro votos a favor contra um voto desfavorável ao encerramento.

Em abril de 1312, por meio da Bula *Vox in Excelso*, foi decretado o fim da Ordem Militar dos Cavaleiros do Templo de Salomão.

É necessário ressaltar, porém, que a Ordem dos Templários foi suprimida sem ser formalmente condenada, a culpa da Ordem e de cada um de seus membros nunca foi confirmada.

Todos os antigos membros, que até então se encontravam presos, foram autorizados a participar de outras Ordens, como a dos Hospitalários. Os bens remanescentes da Ordem foram repassados para Ordem dos Hospitalários<sup>119</sup>.

Os líderes Templários remanescentes, como Jacques de Molay, foram levados, em março de 1314, perante a Inquisição. O intuito era a confirmação dos testemunhos dos líderes. Contudo, os líderes, mais uma vez voltaram atrás no seu testemunho, negando todas as acusações.

---

<sup>118</sup> BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Pag. 216.

<sup>119</sup> BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus*. Pag. 217.

Pelas regras da Inquisição, voltar atrás em uma confissão era considerado uma Reincidência da heresia. Nesse caso, a punição seria a pena de morte.

Os líderes foram entregues ao poder secular para execução, ou seja, para o Rei Felipe IV, o Belo, para morrer na fogueira. A execução ocorreu na pequena ilha do Rio Sena, em 18 de março de 1314.

## 5. CONCLUSÃO

A preocupação da Igreja fundada por Cristo com o conteúdo de sua mensagem acabou resultando na formação do sistema inquisitorial.

O sistema inquisitorial visava à proteção da doutrina Cristã. No início a proteção se deu pelos imperadores romanos, que outrora haviam sido os maiores perseguidores do Cristianismo, e quando se converteram ao cristianismo se tornaram os maiores perseguidores das demais religiões. John Locke afirma *que é um princípio que toda religião que é reprimida se torna ela própria repressiva*<sup>120</sup>.

No momento em que a Igreja enfraquecia seu poder, e as heresias tomam conta, surgiu a Ordem dos Dominicanos que instalou um estado de pânico em toda a Europa, do século XIII até o século XVIII. Seus métodos visavam à obtenção da verdade a qualquer custo. A melhor ferramenta utilizada pela Inquisição foi torturar os acusados até que confessassem.

Todas as formas de culturas que não fossem cristãs foram objeto de perseguição por parte dos Inquisidores. O combate às heresias não visava apenas à repressão, mas também à eliminação dos hereges. A condenação à fogueira era a mais comum.

Por fim, estudamos o caso do julgamento dos Templários. Uma Ordem de religiosos guerreiros que foi criada para proteção dos peregrinos que viajavam da Europa para Jerusalém, a Terra Santa.

---

<sup>120</sup> BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália – séculos XV-XIX*. Pag. 366.

Os cavaleiros Templários foram alvos de um movimento político, patrocinado pelo Rei da França, Felipe IV, o Belo, o qual, utilizando o sistema inquisitorial alcançou os seus objetivos pessoais.

A Ordem Militar dos Cavaleiros do Templo de Salomão, ou Templários, foi extinta sem ter sido formalmente condenada. Contudo, seus líderes, foram queimados na fogueira da Inquisição por terem voltado atrás em seus testemunhos.

Obviamente que para um estudo histórico:

*Não podemos ter a presunção de emitir julgamento sobre o passado segundo critérios do que é politicamente correto em nosso tempo. Se tentarmos fazer, descobriremos que todo o passado é culpado. Então ficaremos apenas com o presente como base para nossas hierarquias; e quaisquer que sejam os valores que abracemos, poucos de nós serão tolos o bastante para louvar o presente como algum tipo de ideal último<sup>121</sup>.*

Contudo, uma das maiores críticas feitas contra o sistema inquisitorial veio do romancista russo DOSTOIÉVSKI, que na sua obra de ficção “Os Irmãos Karamázovi”, escreveu:

*[Cristo] quis visitar seus filhos, no lugar onde crepitavam precisamente as fogueiras dos heréticos. Na sua misericórdia infinita, volta ao convívio dos homens sob a forma que tivera durante os três anos de sua vida pública. Ei-lo que desce para as ruas ardentes da cidade meridional, onde, juntamente na véspera, na presença do Rei, dos cortesãos, dos cavaleiros, dos cardeais e das mais encantadoras damas da corte, o grande inquisidor mandaria queimar uma centena de heréticos ad majorem gloriam dei (“para a maior glória de Deus”, mote dos jesuítas). Apareceu docemente, sem se fazer notar, e – coisa estranha – todos o reconheciam... Atraído por uma força irresistível, o povo comprime-se à sua passagem e segue-lhe os passos. Silencioso, passa ele pôr entre a multidão com um sorriso de compaixão infinita. Seu coração está abrasado de amor, seus olhos desprendem a Luz, a Ciência, a Força que irradiam e despertam o amor nos corações. Estende-lhes os braços, abençoa-os, uma virtude salutar emana de seu contato e até mesmo de suas vestes. Um velho, cego de infância, exclama em meio à multidão: “Senhor, cura-me e eu te verei”. Uma casca cai de seus olhos e o cego vê. O povo derrama lágrimas de alegria e beija o chão sobre as marcas de seus passos. As crianças lançam flores à sua passagem, canta-se,*

---

<sup>121</sup> BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. *A Inquisição*. Pag. 16.

grita-se: "Hosana!" "É ele, deve ser ele!", exclama-se. "Só pode ser ele!" Ele para no adro da Catedral de Sevilha no momento em que trazem um pequeno ataúde branco no qual repousa uma menina de sete anos, a filha única de uma pessoa notável. A morta está coberta de flores.

"Ele ressuscitará tua filha", gritam na multidão para a mãe lacrimosa. O padre, que sai a receber o ataúde, olha com ar perplexo e franze o cenho. De súbito, repercute um grito, a mãe se lança aos seus pés: "Se és tu, ressuscita minha filha!", e estende os braços para ele. O cortejo para, deposita-se o caixão sobre as lajes. Ele a contempla, cheio de compaixão, e sua boca ordena docemente mais uma vez: "Talitha kumi" ("Jovem levanta-te")... E a menina se levantou. A morta se levanta, senta-se e olha em redor de si, sorridente, com ar admirado. Tem na mão o buquê de rosas brancas que haviam depositado no caixão. No meio da turbamulta há agitação, grita-se, chora-se. Naquele momento passa pela praça o cardeal, grande inquisidor. É um ancião quase nonagenário, de elevada estatura, de rosto dessecado, olhos cavados, mas onde reluz ainda uma centelha. Não traz mais a pomposa veste com a qual se pavoneava ontem diante do povo, enquanto eram queimados os inimigos da Igreja Romana. Retornara sua velha batina grosseira. Seus sombrios auxiliares e a guarda do Santo Ofício seguem-no a uma distância respeitosa. Detêm-se diante da multidão e observa de longe. Viu tudo, o caixão depositado diante dele, a ressurreição da menininha, e seu rosto ensombreceu-se. Franze suas espessas sobrancelhas e seus olhos brilham com um clarão sinistro. Aponta-o com o dedo e ordena aos guardas que o prendam. Tão grande é o seu poder e o povo está de tal maneira habituado a submeter-se, a obedecer-lhe tremendo, que a multidão se afasta imediatamente diante dos esbirros; em meio de um silêncio de morte, estes o pegam e levam-no. Como um só homem, aquele povo se inclina até o chão diante do velho inquisidor, que os abençoa sem dizer palavra e prossegue seu caminho. O prisioneiro é conduzido ao sombrio e velho edifício do Santo Ofício, onde o encerram numa estreita cela abobada... Nas trevas, a porta de ferro da masmorra abre-se de repente e o grande inquisidor aparece, com um facho na mão. Está só a porta torna a fechar-se atrás dele. Para no limiar e observa longamente a Santa Face... E diz-lhe:

– És tu, és tu? – Não recebendo resposta, acrescenta rapidamente: – Não digas nada, cala-te. Aliás, que poderia dizer? Sei demais. Não tens o direito de acrescentar uma palavra mais do que já disseste outrora. Por que vieste estorvar-nos? Porque tu nos estorvas, bem o sabes. Mas sabes o que acontecerá amanhã? Ignoro quem tu és e não quero sabê-lo: tu ou apenas tua aparência; mas amanhã eu te condenarei e será queimado como o pior dos heréticos, e esse mesmo povo que hoje te beijava os pés precipitar-se-á amanhã, a um sinal meu, para alimentar tua fogueira. Sabes disso? ... Tudo foi transmitido por ti ao Papa, tudo depende, pois, agora do Papa, não venha estorvar-nos antes do tempo... Ao partires, tu nos transmitiste a obra, prometeste, concedeste-nos solenemente o direito de ligar e desligar; decerto, não podes pensar em retirar de nós agora esse direito. Por que então vieste estorvar-nos? ... Queria ser livremente amado, voluntariamente seguido pelos homens fascinados. Em lugar da dura lei antiga, o homem devia, com coração livre, discernir o bem e o mal, não tendo para se guiar senão tua imagem e tua liberdade, esmagado sob essa carga terrível: a liberdade de escolher? ...

O que eu te digo se realizará e nosso império se edificará. Repito-te, amanhã, a um sinal meu, verás aquele rebanho dócil trazer carvões acesos para a fogueira a que subirás, por

*teres vindo estorvar nossa obra. Porque se alguém mereceu mais que todos a fogueira, foste tu. Amanha, queimar-te-ei. Dixi (tenho dito)...*

*O velho queria que ele dissesse alguma coisa, ainda mesmo palavras amargas e terríveis. De repente, o prisioneiro aproxima-se em silêncio do nonagenário e beija-lhe os lábios exangues. É toda a sua resposta. O velho estremece, seus lábios tremem, vai à porta, abre-a e diz: "Vai-te e não voltes mais... nunca mais!". E deixa que ele se vá pelas trevas da cidade.<sup>122</sup>*

---

<sup>122</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os Irmãos Karamázovi*. Pag. 205 a 215.

## **BIBLIOGRAFIA**

BAIGENT, Michael. LEIGH Richard. **A Inquisição**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália – séculos XV-XIX** – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOURRE, Jean-Paul. **Dicionário Templário: História, Epopéia, Heróis, Segredos da mais prestigiosa Ordem Cavalleiresca da Idade Média** – São Paulo: Madras, 2005.

BURMAN, Edward. **Templários: Os Cavaleiros de Deus** – 5ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2005.

CARVALHO, Salo de. **Da desconstrução do Modelo Jurídico Inquisitorial**. In. WOLKMER, Antonio Carlos. **Fundamentos de História do Direito** – 4 Ed. 2 tir. Belo Horizonte: Del Rey, 2008.

DEMURGER, Alain. **Os Cavaleiros de Cristo: As ordens militares na Idade Média** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

\_\_\_\_\_. **Os Templários: Uma Cavalaria Cristã na Idade Média**. – Rio de Janeiro: Difel, 2007.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Irmãos Karamázovi**. – São Paulo: Editora Nova Cultural, 1995.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

FOXE, John, 1516-1587. **O Livro dos Mártires**. São Paulo, Mundo Cristão: 2005.

FRALE, Bárbara. **Os Templários**. São Paulo, Madras: 2007.

HAAG, Michael. **Os Templários**. São Paulo, Prumo: 2009.

HILL, Jonathan. **História do Cristianismo**. – São Paulo: Edições Rosari, 2008.

KRAMER, Heinrich; e SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. 19ª Ed. – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2007.

- LEA, Henry Charles. **A History of the Inquisition of the Middle Ages – Vol. I – New York: Harper & Brothers, Franklin Square, 1887.**
- MONTAGNAC, Élizé Louis de. **História dos Cavaleiros Templários – São Paulo: Madras, 2005.**
- NASPOLINI, Samyra Haydêe. **Aspectos Históricos, Políticos e Legais da Inquisição.** In. WOLKMER, Antonio Carlos. **Fundamentos de História do Direito – 4 Ed. 2 tir. Belo Horizonte: Del Rey, 2008.**
- O'SHEA, Stephen. **A Heresia Perfeita: A vida e a morte revolucionária dos Cátaros na Idade Média – Rio de Janeiro: Record, 2005.**
- RESTON, James. **Os Cães do Senhor. – Rio de Janeiro: Record, 2008**
- SCOTT, Walter. **Ivanhoé.** São Paulo, Editora Nova Cultural: 2003.
- VACANDARD, E. **The Inquisition – A critical and historical study of the coercive power of The Church – New York: Longmans, Green, and Co., 1908.**
- WASSERMAN, James. **História Ilustrada dos Cavaleiros Templários.** São Paulo: Pensamento, 2009.
- ZILLI, Marcos Alexandre Coelho. **A Iniciativa Instrutória do Juiz no Processo Penal.** São Paulo, RT: 2003.